

Sob os **Fundamentos para a Vida Eterna**

Abraçando a verdade autoevidente

Por Thomas G. Edel



*...como uma árvore
plantada junto a
ribeiros de águas ...*

Salmo 1

Sob os Fundamentos para a Vida Eterna

Abraçando a Verdade Autoevidente

Por Thomas G. Edel

Copyright © 2015 por Thomas G. Edel
Versão de Tradução por IA, agosto de 2026

Obrigado por baixar este e-book. Sinta-se à vontade para compartilhá-lo com seus amigos. **Este livro pode ser livremente reproduzido, copiado e distribuído para fins não comerciais.** Inclua esta declaração de copyright sempre que possível. Cópias não podem ser vendidas com fins lucrativos sem o consentimento por escrito do autor.

Outros formatos de e-book podem estar disponíveis em:

ShalomKoinonia.org

Envie comentários e sugestões de revisão para:

Thomas@ShalomKoinonia.org

As traduções deste livro do inglês para outros idiomas são, em sua maioria, feitas por Inteligência Artificial (IA) e podem conter erros e inconsistências não pretendidos pelo Autor. Sinta-se à vontade para fazer correções no arquivo .epub e enviar uma transcrição revisada ao Autor para possível distribuição (o software gratuito "Sigil" pode ser uma boa ferramenta para modificar o arquivo .epub).

Sumário

Prefácio

Parte 1: Algumas verdades autoevidentes

1. A verdade existe
2. Verdadeiro ou Falso?
3. Limpo ou sujo?
4. Bom ou mau?
5. Certo ou errado?
6. Justo ou injusto?
7. Grupos diferentes
8. Caminhos diferentes
9. Destinos diferentes
10. Começo ou sem começo?
11. Fé ou sem fé?
12. Reino espiritual ou não?
13. Criação ou não criação?
14. Criador ou sem criador?
15. Criação e criador são o mesmo?
16. Deus ou deuses?
17. Uma conclusão autoevidente

Parte 2: Fé e ciência

18. Sobre a fé
19. Sobre a ciência
20. Fé na ciência?
21. Engano
22. Fé e engano
23. Ciência e engano
24. Fé e ciência em conflito

Parte 3: Deus revelado

- 25. Deus revelado na natureza
- 26. Deus revelado em nós mesmos
- 27. Deus revelado nos outros
- 28. Deus revelado nos relacionamentos
- 29. Deus revelado por meio dos outros
- 30. Deus revelado por meio da Escritura
- 31. Deus revelado por meio de Jesus?

Conclusão

Prefácio

Meu livro anterior, “*Fundamentos para a Vida Eterna*,” resume verdades espirituais encontradas na Escritura. Nesse livro, não foi feito nenhum esforço para estabelecer a validade da Escritura como fonte de verdade; isso foi presumido.

Este livro atual, porém, discute verdades espirituais que são em grande parte independentes da Escritura. Essas verdades se baseiam simplesmente em observação e razão. Como muitos antes de mim, chamo tais verdades de “verdades autoevidentes.” Essas verdades formam o alicerce sobre o qual a fé verdadeira pode ser construída, e sobre o qual a Escritura pode ser compreendida e acolhida.

Este livro é dividido em três partes:

Parte 1: Algumas verdades autoevidentes

Parte 2: Fé e ciência

Parte 3: Deus revelado

Parte 1 concentra-se em verdades autoevidentes que são importantes para compreender questões de fé, bem como a vida em geral.

Parte 2 trata da tensão entre fé e ciência, e de como ambas podem ser compreendidas de modo que não entrem em conflito uma com a outra. Uma compreensão clara nessa área deve nos ajudar a ser capazes de acolher verdades espirituais autoevidentes.

Parte 3 apresenta como alguns aspectos do caráter de Deus são autoevidentes a partir daquilo que Deus fez, e como podemos aprender sobre Deus com outras pessoas.

Embora a Parte 2 e a Parte 3 deste livro dependam um pouco da Parte 1 para manter a consistência lógica, cada parte se sustenta por si só até certo ponto e pode ser lida independentemente das outras partes. Se a Parte 1 não falar ao seu momento atual, considere pular para a Parte 2 ou para a Parte 3. No entanto, pode ser útil ler o capítulo 11 (*Fé ou sem fé?*) na Parte 1 antes de

ler a Parte 2 (*Fé e ciência*).

É claro que o tema deste livro não é novo. É provável que nenhum conceito novo seja apresentado neste livro. A maioria dos conceitos discutidos aqui remonta a centenas de anos, se não a milhares de anos. No entanto, a forma como essas ideias são apresentadas é nova, ao menos em certa medida. Minha esperança é que, ao abordar esses assuntos a partir de uma perspectiva um tanto nova, você alcance uma compreensão mais profunda da verdade, e que sua vida se beneficie disso.

Sou grato às muitas pessoas que me ajudaram em minha própria busca pela verdade. Alguns de vocês eu conheço pessoalmente; alguns conheço apenas por meio de seus escritos ou obras audiovisuais; alguns viveram antes do meu tempo. Obrigado por falar a verdade à minha vida. Agradeço também àqueles que revisaram uma versão preliminar deste livro e me deram um retorno valioso. Este livro é melhor por causa de vocês.

Conforme o aviso de direitos autorais no início deste livro, **este livro pode ser copiado e distribuído livremente**. Várias versões em ebook, incluindo versões configuradas para impressão, podem estar disponíveis em:

ShalomKoinonia.org

PARTE 1

Algumas verdades autoevidentes

O que é a verdade?

Junte-se a mim enquanto exploro a natureza da verdade. Como acontece com muitos temas, só se pode compreendê-la bem comparando-a com algo que é diferente dela mesma. A verdade tem significado principalmente porque se coloca em oposição ao engano ou ao erro. Se o engano e o erro não existissem, então o conceito de verdade talvez não tivesse sentido.

Ao longo da Parte 1, exploraremos conceitos que considero “autoevidentes.” Isso significa que a validade de tais conceitos é evidente simplesmente pela razão e pela observação cuidadosa das pessoas e do mundo ao nosso redor. Tais conceitos não precisam ser derivados ou comprovados a partir de outros conceitos mais básicos; eles são simplesmente autoevidentes. Esses conceitos não precisam de filosofia profunda nem de instrução religiosa para serem conhecidos e compreendidos; eles são autoevidentes. Convido você a considerar por si mesmo se concorda ou não que essas “verdades” são “autoevidentes”.

Capítulo 1

A verdade existe

A verdade tem a ver com fazer uma distinção adequada entre conceitos opostos. Algo é bom ou mau? É certo ou errado? É alto ou baixo? É quente ou frio? Tem uma qualidade específica ou não? Uma afirmação é verdadeira ou falsa? Aquele acontecimento, que alguém disse ter acontecido, aconteceu de fato?

Todos esses tipos de questões envolvem a verdade. Acho impossível qualquer um de nós viver um único dia sem lidar com a verdade em algum nível. Concordar ou não com essa última afirmação é, em si, uma questão de verdade. Você simplesmente aceitou como verdadeiro o que eu disse, ou refletiu mais profundamente sobre isso? Como sabemos se algo é verdadeiro ou não?

Concordarmos ou não que uma determinada coisa seja verdadeira não é o ponto aqui. O ponto é que todos nós lidamos regularmente com a questão de várias coisas serem verdadeiras ou não verdadeiras.

Isso rapidamente nos leva à nossa primeira verdade autoevidente:

A existência da verdade é autoevidente.

Observe que esta primeira “verdade autoevidente” não indica apenas que a verdade existe, mas que é “autoevidente” que a verdade existe. A existência da verdade não depende de outros raciocínios, sejam simples ou complexos. O próprio raciocínio pressupõe a existência da verdade. Percebo que a existência da verdade é simplesmente autoevidente.

Para reflexão adicional:

- Você acha que a existência da verdade é autoevidente? Por quê ou por que não?

Capítulo 2

Verdadeiro ou falso?

“É verdade...?” Você provavelmente já disse essas mesmas palavras muitas vezes. Vamos continuar nossa discussão com um teste simples de verdadeiro ou falso. Por favor, considere se cada uma das quatro afirmações a seguir é Verdadeira (V) ou Falsa (F):

1. _____ “A cor preta é igual à cor branca.”
2. _____ “A cor preta é diferente da cor branca.”
3. _____ “No princípio, Deus criou os céus e a terra.”
4. _____ “Não há Deus.”

Espero que você concorde comigo que as respostas às duas primeiras afirmações são: 1. Falso, 2. Verdadeiro.

Agora, quanto às questões 3 e 4, as coisas ficam um pouco mais difíceis. Como este é um livro de algum modo relacionado à vida eterna, você pode supor corretamente que ele foi escrito de um ponto de vista espiritual, e que o autor provavelmente acredita em Deus. Você também poderia presumir corretamente que eu (o autor) penso que as respostas corretas às duas últimas questões são: 3. Verdadeiro, 4. Falso. No entanto, há muitas pessoas que não acreditam que exista um Deus, ou que veem Deus de maneira muito diferente da minha, e elas podem sinceramente responder a uma ou a ambas essas perguntas de modo diferente de mim. Então discordaríamos sobre se a resposta correta para cada uma dessas perguntas é verdadeira ou falsa. Historicamente, tais desacordos, às vezes, levaram pessoas a perseguirem e/ou matarem umas às outras. Vamos tentar evitar isso, ao mesmo tempo reconhecendo que esse tema de as coisas serem verdadeiras ou falsas é um tema importante.

Inicialmente, minha preocupação não é se você concorda com minhas respostas a todas as quatro perguntas acima, mas se você concorda ou não comigo que **existe** uma resposta correta, de verdadeiro ou falso, para todas as quatro perguntas acima. Isso tem a ver com a natureza da verdade. Existe verdade

absoluta a respeito de pelo menos algumas questões? É sempre verdade que a cor preta é diferente, de alguma forma, da cor branca? Sim. Isso é autoevidente.

E quanto à nossa própria existência? Há uma verdade absoluta quanto a se você e eu existimos ou não? É autoevidente para mim que eu existo, e espero que seja autoevidente para você que você existe. A sua existência talvez não seja autoevidente para mim (já que talvez eu nunca tenha conhecido você), mas sustento que ainda há uma verdade absoluta quanto a se você existe ou não. A minha própria crença quanto à sua existência não muda a verdade absoluta sobre se você existe ou não.

Da mesma forma, há uma verdade absoluta quanto a se Deus existe ou não? Parece-me que sim. Ou Deus existe, ou ele não existe. Algum tipo de meio-termo me parece implausível. A afirmação “Deus não existe” é verdadeira ou falsa, e minhas crenças pessoais sobre a existência de Deus não mudam essa verdade absoluta.

No entanto, cabe um esclarecimento. O que queremos dizer com o termo “Deus”? A maneira como esse termo é definido ou compreendido pode afetar se “Deus” de fato existe ou não. Assim, mesmo diante da verdade absoluta sobre tais coisas, uma definição cuidadosa dos termos pode ser necessária para compreender adequadamente essa verdade.

Vemos, então, que há verdade absoluta a respeito de pelo menos alguns assuntos, quer estejamos conscientes dela ou não. A verdade absoluta sobre alguns assuntos pode não ser autoevidente, mas é autoevidente que:

A verdade absoluta existe.

Para reflexão adicional:

- Você concorda que a verdade absoluta existe? Por que ou por que não?

Capítulo 3

Limpo ou sujo?

Continuemos com nosso teste de verdadeiro ou falso. Por favor, considere se as seguintes afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F), com base em seu conhecimento pessoal sobre a roupa que você talvez esteja usando neste momento:

5. _____ “Estou vestindo roupas; não estou nu.”

6. _____ “Estou usando meias limpas.”

A primeira pergunta é bastante direta. A maioria de nós responderia “verdadeiro.” Alguns poderiam responder com sinceridade “Falso.” De qualquer forma, provavelmente não haveria muito debate sobre a questão, se todos os envolvidos soubessem exatamente como você está vestido. É isso que eu chamo de um tipo de verdade “preto no branco”. A afirmação é claramente verdadeira ou falsa, e todos que têm conhecimento preciso da situação muito provavelmente concordariam.

O capítulo anterior tratou principalmente desse tipo de verdade “preto no branco”, do tipo “verdadeiro ou falso”. É claro que podem surgir discordâncias sobre esse tipo de verdade quando pelo menos algumas pessoas NÃO têm conhecimento preciso sobre a verdade preto no branco em questão.

Agora, a segunda pergunta acima (sobre suas meias) provavelmente é mais difícil de responder. Se você for como eu, tendo a me ressentir com uma pergunta assim. A pergunta não é apenas socialmente inadequada, mas acredito que o assunto seja mais complicado do que uma simples resposta verdadeira ou falsa pode comunicar. Estou usando meias enquanto escrevo isto, mas será que elas estão “limpas”? Minhas meias talvez não estejam completamente limpas, mas também não as considero sujas. Nem “Verdadeiro” nem “Falso” parece ser uma resposta precisa. Penso nas minhas meias como limpas logo depois de lavadas, mas, assim que as calço, elas imediatamente começam a transição de limpas para sujas. Prefiro pensar nelas como estando mais limpas do que sujas, embora já não estejam

completamente limpas. Você talvez prefira simplesmente chamar minhas meias de “suja” assim que eu as calço.

Esta discussão estranha tem a intenção de esclarecer uma questão importante: alguns aspectos da verdade não são, por natureza, “preto no branco”, mas são mais bem entendidos como questões de grau. Ou seja, algumas coisas são mais bem entendidas como tendo mais “tons de cinza” do que sendo, por natureza, “preto no branco”. Se tentarmos reduzi-las a fatos em preto no branco, ou a fatos verdadeiros ou falsos, então nossa compreensão delas será muito superficial. Para fins de discussão, vou me referir a esse tipo de verdade ou conceito como sendo “cinza”, ou “mais cinza”, ou “em tons de cinza”, em vez de “preto-e-branco”.

Isso nos leva a resumir outro princípio importante, que considero autoevidente:

Algumas verdades são preto-e-branco, enquanto outras verdades são mais cinza.

Alguns de vocês talvez encontrem falhas no meu raciocínio acima. Vocês podem alegar que a primeira afirmação de verdadeiro ou falso não é realmente preto-e-branco. Por exemplo, alguém pode estar usando tão pouca roupa que a resposta correta seja discutível. Isso ilustra outro conceito importante:

Algumas verdades que parecem ser preto-e-branco podem, às vezes, envolver tons de cinza.

Para reflexão adicional:

- Você concorda que algumas verdades envolvem tons de cinza? Por quê ou por que não?
- Existe algum problema em sua vida que poderia ser resolvido mais facilmente se fosse entendido como algo que envolve tons de cinza, em vez de ser tratado como uma questão de preto-e-branco?

Capítulo 4

Bom ou mau?

Acompanhe-me enquanto peço que você responda a mais algumas perguntas de verdadeiro ou falso. Estas perguntas são mais longas do que as anteriores, mas, se você as ler com atenção, acredito que verá que elas não são muito difíceis. Por favor, considere se as afirmações a seguir são Verdadeiras (V) ou Falsas (F), com base em seus hábitos pessoais de compra:

7. _____ “Se eu fosse comprar um pão, e se me fosse dada a escolha entre um pão fresco e um pão velho e mofado (os pães são, fora isso, semelhantes e custam o mesmo), eu compraria o pão velho e mofado, não o pão fresco.”
8. _____ “Se eu estivesse comprando uma cadeira e me fosse dada a escolha entre uma cadeira que parece estar em bom estado e uma cadeira que tem uma perna quebrada (as cadeiras são semelhantes nos demais aspectos e custam o mesmo), eu compraria a cadeira com a perna quebrada.”

Espero que você não tenha tido muita dificuldade para decidir. Presumo que você provavelmente seja como eu: Para mim, ambas as afirmações são definitivamente falsas! Por que eu me importaria se o pão está “fresco” ou “velho e mofado”? Por que eu preferiria uma cadeira que não tem uma perna quebrada? Não é simplesmente porque, quando se trata de pão, “velho e mofado” é mau, enquanto “fresco” é bom? Quanto às duas cadeiras, uma “perna quebrada” não é uma característica ruim, enquanto “em bom estado” é uma característica boa? Não preferimos quase sempre que algo seja bom em vez de ruim?

Isso nos leva a mais duas verdades autoevidentes:

***Algumas coisas são boas,
e algumas coisas são ruins.***

***As coisas boas normalmente devem ser
acolhidas, enquanto as coisas ruins
normalmente devem ser rejeitadas.***

É claro que pode ser apropriado alguém consertar a cadeira quebrada, para que a cadeira volte a ser boa. O pão velho e mofado pode render um bom composto orgânico (mas não um bom pão). Assim, vemos que o conceito de bem e mal pode se tornar complicado. No entanto, isso não anula as verdades autoevidentes mencionadas acima. Os termos “bem” e “mal” têm significados reais e são usados para descrever coisas reais, com consequências reais, que realmente importam para nós.

Para reflexão adicional:

- Quais são algumas coisas que você considera boas?
- Quais são algumas coisas que você considera ruins?
- Há algumas coisas ruins na sua vida das quais você deveria se livrar?

Capítulo 5

Certo ou errado?

Mais uma vez, começaremos com uma pergunta de verdadeiro ou falso. Por favor, considere se a afirmação a seguir é Verdadeira (V) ou Falsa (F), com base em suas crenças pessoais:

9. _____ “Creio que seja aceitável uma pessoa torturar um bebê por qualquer meio que seja, se fazer isso fizer parte da religião dessa pessoa.”

Pelo que entendo, algumas pessoas responderiam “Verdadeiro” a essa pergunta. No entanto, acho que nunca conheci alguém que admitiria isso diretamente para mim. Se por acaso você for uma dessas pessoas, então considere uma afirmação ligeiramente diferente:

10. _____ “Creio que é aceitável que qualquer pessoa me torture de qualquer maneira que seja, se isso fizer parte da religião dessa pessoa. Eu permitiria que me torturassem sem resistir, já que resistir a eles inibiria sua liberdade religiosa.”

Se você está sendo honesto e não é insano, então acho que provavelmente concorda comigo que a resposta à segunda afirmação é “Falso.” Presumindo que você tenha respondido “Falso” a pelo menos uma dessas afirmações, então isso expõe uma falácia sobre a “liberdade de religião.” Poucas pessoas realmente acreditam em liberdade de religião sem limites. Por que não? Há algo inerentemente errado em torturar pessoas para fins religiosos? É claro que há. Isto é auto-evidente.

E se tais coisas fossem feitas por prazer, em vez de para fins religiosos? Isso tornaria tais coisas corretas? É claro que não.

Por outro lado, há algo correto em se opor a tais práticas? É claro que há. Isto também é auto-evidente. Isso nos leva a mais duas verdades autoevidentes:

***Algumas coisas são moralmente certas,
e algumas coisas são moralmente erradas.***

***As coisas certas normalmente devem ser
acolhidas;
as coisas erradas normalmente devem ser
rejeitadas.***

Observe que esse conceito de “certo ou errado” é diferente do princípio de “bem ou mal” discutido no capítulo anterior. Neste capítulo, as palavras “certo” e “errado” envolvem moralidade, enquanto, no capítulo anterior, as palavras “bem” e “mal” não envolviam moralidade.

Isso nos leva ao problema da semântica. Muitas palavras têm múltiplos significados, ou matizes de significado, e o uso dessas palavras pode causar confusão. Infelizmente, há poucas palavras que não têm esse problema em algum grau, portanto temos de conviver com esse problema. Por exemplo, na língua inglesa, as palavras “bem” e “mal” podem ser usadas em relação à atividade moral (como no caso de tratarmos outras pessoas de uma maneira boa ou má), bem como em relação a coisas não morais (como no caso de o pão ser bom ou ruim, ou de a apresentação de um músico ter sido boa ou ruim). As palavras “certo” e “errado” também podem ser usadas para esclarecer questões de moralidade, ou apenas para esclarecer a correção de algo, como se a grafia de uma palavra está certa ou errada. No entanto, normalmente não chamaríamos pão fresco de “certo” nem pão mofado de “errado.” Em geral, o significado pretendido de uma palavra fica evidente pelo contexto em que ela está sendo usada.

Para reflexão adicional:

- Quais são algumas coisas que você considera certas?
- Quais são algumas coisas que você considera erradas?

Capítulo 6

Justo ou injusto?

Mais uma vez, vamos começar com algumas perguntas de verdadeiro ou falso. Por favor, considere se as declarações a seguir são Verdadeiras (V) ou Falsas (F), com base em suas crenças e ações pessoais:

11. _____ “Todas as pessoas são basicamente do bem e tentam consistentemente fazer o que é certo.”
12. _____ “Eu sempre faço o que é moralmente certo; eu nunca faço nada que seja moralmente errado.”

No capítulo anterior, vimos que algumas coisas são moralmente certas, e algumas coisas são moralmente erradas. Podemos discordar sobre o que é certo e o que é errado (em relação a assuntos específicos), mas parece dolorosamente óbvio que pelo menos algumas coisas são moralmente certas e algumas coisas são moralmente erradas. Quase tão óbvio quanto isso é que algumas pessoas fazem intencionalmente coisas que são moralmente erradas, enquanto outras parecem fazer intencionalmente coisas que são moralmente certas.

Portanto, para mim, a primeira afirmação de Verdadeiro ou Falso é claramente “Falsa”. O mundo parece estar cheio de pessoas que não tentam consistentemente fazer o que é certo. Não é difícil encontrar exemplos; procure em quase qualquer jornal e provavelmente encontrará alguns bons exemplos.

A segunda afirmação é mais difícil. Talvez eu, no presente, tente sempre fazer o que é moralmente certo, mas, se eu for honesto comigo mesmo, nem sempre faço a coisa moralmente certa. Gosto de pensar que meus fracassos mais recentes foram involuntários, mas não tenho tanta certeza de que um olhar mais atento sempre chegaria a essa conclusão. De qualquer forma, nem sempre faço o que é moralmente certo. Mais uma vez, minha resposta é “Falso.”

Se você estiver sendo honesto consigo mesmo, suspeito que também tenha respondido “Falso” a essa segunda afirmação. Se for assim, isso levanta a questão de se alguém é ou não

completamente justo. Existe alguém que sempre faz o que é moralmente certo e nunca faz nada que seja moralmente errado? Essa pergunta, porém, está além do nosso escopo atual de lidar com verdades “autoevidentes”. Por ora, vamos tratar apenas da questão mais óbvia de saber se algumas pessoas buscam fazer o que é moralmente certo mais do que outras. Para nossos propósitos atuais, vamos usar uma definição de “justo” que é mais relativa do que absoluta:

Justo: Em geral, esforçar-se para fazer o que é moralmente certo e evitar coisas que são moralmente erradas.

Considere que muitos filmes são construídos em torno de um tema de bem contra o mal. Alguns personagens nesses filmes são geralmente retratados como justos (geralmente fazendo coisas moralmente certas), enquanto outros são retratados como injustos (geralmente fazendo coisas moralmente erradas). A distinção costuma ser óbvia e parece ser universal em todas as culturas.

Tudo isso nos leva a outra verdade autoevidente:

***Algumas pessoas são justas,
e algumas pessoas são injustas.***

Agora, sejamos claros. Essa verdade não é uma verdade do tipo preto no branco; ela envolve tons de cinza. Ela não está afirmando que todos se encaixam perfeitamente em uma categoria de ser justo ou de ser injusto. Tampouco está afirmando que alguém seja completamente justo ou completamente injusto. Ela apenas afirma que algumas pessoas tentam genuinamente fazer o que é moralmente certo, e outras não. Muitas pessoas talvez estejam em algum ponto intermediário, com graus variados de esforço para fazer o que consideram ser moralmente certo.

Para reflexão adicional:

- Considere a sua própria vida. Você faz de modo consistente aquilo que sabe ser moralmente certo? Por que sim ou por que não?

Capítulo 7

Grupos diferentes

Todos nós pertencemos a diversos grupos. A alguns grupos nos associamos voluntariamente; outras associações a grupos são involuntárias. Alguns exemplos do que muitas vezes são consideradas associações **involuntárias** a grupos são esclarecidos por algumas perguntas:

- Você é homem ou mulher?
- De qual país você é cidadão? (Ou você faz parte do grupo de pessoas apátridas?)
- Qual é a sua língua materna?
- Você tem mais de 50 anos ou menos de 50 anos?

Alguns exemplos de grupos que podem ser considerados associações **voluntárias** também são esclarecidos por algumas perguntas:

- Você é religioso ou não? Se sim, de qual grupo religioso você faz parte? Ou você faz parte do grupo de pessoas que se consideram não religiosas?
- Você faz parte do grupo que foi vacinado contra a poliomielite?
- Você é filiado a um partido político? Ou você faz parte do grupo de pessoas que não tem filiação partidária?
- Você é fã de algum esporte específico? Você pratica algum esporte específico?

A distinção entre o que é uma associação “voluntária” e o que é uma associação “involuntária” muitas vezes não é muito clara, e pode variar um pouco conforme a cultura. Por exemplo, muitas pessoas não consideram sua religião uma associação voluntária, pois sua cultura pode não promover a livre escolha nessa área. Outro exemplo: A vacinação contra a poliomielite pode ser legalmente exigida para muitas pessoas; nesse caso, fazer parte do grupo dos “vacinados” pode ser considerado uma associação involuntária a um grupo. Ou talvez seus pais tenham mandado

vacinar você, e você tenha tido pouca escolha nessa questão, e agora não haja como deixar de estar vacinado.

De todo modo, isso nos leva a mais duas verdades autoevidentes:

Todos estão associados a vários grupos.

***Algumas afiliações a grupos são voluntárias;
algumas afiliações a grupos são
involuntárias.***

Para reflexão adicional:

- Quais são alguns dos grupos aos quais você está afiliado?
- De quais desses grupos você faz parte voluntariamente?
- De quais desses grupos você faz parte involuntariamente?

Capítulo 8

Caminhos diferentes

Em certa medida, cada um de nós está em um caminho diferente ao longo da vida. Até gêmeos idênticos estão em caminhos diferentes, ainda que sua constituição genética possa ser a mesma. Os diferentes “caminhos” de gêmeos idênticos são evidentes até mesmo ao nascer: um deles nasce primeiro, o outro nasce depois. Embora essa distinção possa ser apenas uma questão de tempo, ainda é uma diferença significativa. A partir daí, suas vidas irão divergir ainda mais. Eles nunca ocuparão exatamente o mesmo espaço ao mesmo tempo, e provavelmente acabarão tendo personalidades significativamente diferentes e caminhos significativamente diferentes ao longo da vida.

Embora haja inúmeras maneiras pelas quais o caminho de cada um de nós ao longo da vida é singularmente diferente do de qualquer outra pessoa, também há maneiras mais amplas de olhar para “caminhos diferentes” que se aplicam mais a grupos de pessoas do que a indivíduos. Diferentes grupos tendem a compartilhar alguns caminhos em comum.

Por exemplo, algumas pessoas escolhem seguir uma religião específica com outras pessoas de mentalidade semelhante. Algumas pessoas escolhem seguir uma carreira específica, junto com outras pessoas que seguem carreiras semelhantes na mesma área de atuação. Algumas pessoas escolhem um caminho de aprendizado que envolve frequentar uma faculdade ou universidade específica; enquanto outras escolhem outros caminhos. Algumas pessoas seguem por um caminho de casamento e paternidade/maternidade, enquanto outras não. Esses tipos de caminhos são compartilhados por grupos de pessoas.

Isso nos leva a outra verdade autoevidente, que se aplica tanto a indivíduos quanto a grupos de pessoas:

Pessoas diferentes estão em caminhos diferentes.

Consideremos isso mais a fundo a partir de uma perspectiva moral. Vimos anteriormente que algumas pessoas são “justas” e algumas pessoas são “injustas” (em graus variados). Algumas pessoas fazem intencionalmente coisas que são moralmente erradas, enquanto outras parecem fazer intencionalmente coisas que são moralmente certas. Por exemplo, algumas pessoas tentam genuinamente viver segundo a “regra de ouro”:

- “Façam aos outros o que vocês gostariam que eles fizessem a vocês.”

Outros preferem viver segundo uma variação distorcida dessa regra:

- “Façam aos outros antes que eles façam a vocês.”

Essas diferentes maneiras de tratar os outros podem ser entendidas como dois caminhos diferentes pela vida, e isso nos leva a outra conclusão importante:

***Algumas pessoas estão em um caminho de
agir corretamente;
algumas pessoas estão em um caminho de
agir de modo errado.***

Observe que essa conclusão não afirma que todas as pessoas estejam claramente em um desses dois caminhos. Esta é outra verdade de “tons de cinza”. Muitas pessoas podem estar em um caminho em algum ponto intermediário, às vezes agindo corretamente e às vezes agindo de modo errado. Essa verdade, no entanto, afirma o que é óbvio: algumas pessoas estão vivendo de modo muito mais justo do que outras pessoas que fazem pouco ou nenhum esforço para isso. Essas pessoas estão em caminhos diferentes.

Para reflexão adicional:

- Como você descreveria alguns dos caminhos em que sua vida esteve?
- Você tem estado consistentemente em um caminho de agir corretamente?
- Quais são alguns caminhos que você gostaria de percorrer?

Capítulo 9

Destinos diferentes

Vimos no capítulo anterior que pessoas diferentes estão em caminhos diferentes ao longo da vida. Assim como caminhos literais diferentes (como trilhas e estradas) levam a destinos diferentes, também caminhos diferentes ao longo da vida levam a destinos diferentes.

É fácil perceber que os destinos das pessoas são fortemente impactados pelos caminhos em que elas estão. Atletas que escolhem um caminho de treinamento constante geralmente se tornam atletas melhores. Pessoas com um estilo de vida inativo geralmente se tornam mais fracas. Estudantes que estudam com afinco adquirem mais conhecimento e habilidades. Pessoas que seguem um caminho de beber muito álcool tendem a se tornar alcoólatras. Pessoas que praticam a bondade para com os outros tendem a se tornar pessoas mais bondosas. Pessoas que escolhem usar drogas ilegais muitas vezes se tornam viciadas em drogas. Pessoas que fazem coisas más geralmente se tornam mais proficientes em fazer o mal. Um caminho de fazer o que é certo leva a uma justiça cada vez maior. Um caminho de fazer o que é errado leva a uma injustiça cada vez maior.

Bons atletas, pessoas habilidosas, pessoas justas, pessoas injustas e todo tipo de pessoa não surgem simplesmente por acaso. Seus destinos são o resultado de percorrer diferentes caminhos pela vida. Isso nos leva a outra verdade autoevidente:

Caminhos diferentes levam a destinos diferentes.

Os caminhos que seguimos determinam em grande parte nosso destino futuro.

Para reflexão adicional:

- Considere que tipo de pessoa você gostaria de ser daqui a dez anos. Os caminhos que você está seguindo hoje o estão levando em direção a esse destino?

Capítulo 10

Começo ou sem começo?

Houve um começo para a sua existência? Suspeito que o seu começo tenha sido semelhante ao meu. Minha vida começou quando uma célula espermática de meu pai se uniu a um óvulo de minha mãe. É claro que o óvulo e o espermatozoide tiveram começos separados anteriormente no tempo, e minha mãe e meu pai tiveram começos distintos ainda antes, de modo semelhante. Toda criatura viva parece ter tido seu começo de modo semelhante, a partir de vida anterior.

De modo semelhante, as plantas têm começos como tipos particulares de sementes, ou como brotos das raízes de outras plantas, ou talvez como estacas de plantas que foram plantadas no solo e desenvolveram raízes.

Toda coisa sem vida também parece ter algum tipo de começo. Itens feitos pelo homem podem ser rastreados até as várias matérias-primas usadas para fabricá-los. As matérias-primas também têm algum tipo de história, com algum tipo de começo. Cientistas propuseram várias idades para a própria Terra, relacionadas ao fato de a Terra ter tido um começo há muito tempo. Até mesmo todo o universo é amplamente compreendido como tendo um começo, com um ponto de vista científico popular resumido pela expressão “Teoria do Big Bang.”

Isso nos leva a outra verdade autoevidente:

Tudo tem um começo.

Para reflexão adicional:

- Você consegue pensar em alguma coisa que exista fisicamente hoje e que não tenha tido algum tipo de começo?

Capítulo 11

Fé ou sem fé?

Aqui está uma definição simples de fé:

Fé: Crença em algo que não foi diretamente observado.

Com base nesta definição simples, consideremos algumas coisas que envolvem fé:

- Quando passo de carro por um sinal verde em um cruzamento, geralmente tenho fé de que há um sinal vermelho exibido para o tráfego transversal (que, de outro modo, poderia colidir com meu carro). Isso envolve fé, já que normalmente não posso observar diretamente o sinal vermelho que orienta o tráfego transversal a parar. Não é preciso fé para acreditar que o semáforo existe (já que geralmente ele pode ser visto), mas é preciso alguma fé para acreditar que ele está funcionando corretamente.
- Quando me sento em uma cadeira, geralmente ajo sem hesitação porque normalmente tenho fé de que a cadeira me sustentará e não quebrará sob o meu peso. A fé está envolvida em relação à resistência da cadeira, não à existência da cadeira.
- Quando passo por uma ponte, tenho certo grau de fé de que a ponte não cairá. Se eu não tivesse alguma fé de que a ponte me sustentaria, eu não entraria nela. Mais uma vez, a fé está envolvida em relação à integridade da ponte, não à existência da ponte.
- Quando espero em um ponto de ônibus por um ônibus para me levar a algum lugar, tenho pelo menos alguma fé de que um ônibus virá (embora eu não possa observá-lo diretamente chegando até que ele esteja por perto). Se eu não tivesse fé no sistema de ônibus, eu não esperaria um ônibus chegar.
- As pessoas que seguem a filosofia do naturalismo geralmente têm fé de que tudo o que acontece no universo pode ser explicado com princípios científicos naturais. Isso envolve fé,

já que ninguém pode observar diretamente tudo o que acontece, muito menos explicar tudo.

- As pessoas que acreditam em coisas sobrenaturais geralmente acreditam que a ciência natural não consegue explicar tudo o que observam e vivenciam. Elas têm algum nível de fé em alguém ou algo que é sobrenatural, que não pode ser observado diretamente (pelo menos não observado diretamente de maneira consistente e repetível).

Você pode discordar de alguns dos meus exemplos. Muitas pessoas nunca associaram “fé” a coisas como atravessar semáforos, sentar-se em cadeiras e atravessar pontes. Você pode estar tão certo da confiabilidade dessas coisas que não considera que a fé esteja envolvida quando confia nelas. No entanto, se você não verificou diretamente a confiabilidade dessas coisas, então me parece que você tem uma “crença em algo que não foi observado diretamente” quando confia na confiabilidade delas. Eu chamaria essa confiança forte de “fé forte”, em vez de dizer que a fé não está envolvida.

Podemos ver, a partir desses exemplos, que a força da nossa fé em várias coisas muitas vezes depende da nossa experiência anterior com coisas semelhantes. Pessoas que já tiveram uma cadeira cedendo sob elas, ou uma ponte desabando sob elas, ou que foram feridas devido à falha de um semáforo geralmente têm menos fé nessas coisas do que aquelas que não passaram por tais falhas.

A partir dos exemplos acima, penso que está claro que todos têm fé em algumas coisas em algum grau em muitas áreas da vida. Isso nos leva a outra verdade autoevidente:

Todos têm algum grau de fé em algumas coisas.

Para reflexão adicional:

- Quais são algumas coisas em que você acredita que envolvem fé?

Capítulo 12

Reino espiritual ou não?

Algumas pessoas parecem acreditar que, se algo não pode ser visto ou medido diretamente, então não existe.

Esse ponto de vista me parece estranho, já que há tanta coisa aceita pela ciência que não pode ser vista ou medida diretamente. Tomemos, por exemplo, as ondas de rádio. Você tem fé em que elas existem? Por quê? Ou por que não? Você já viu ou sentiu uma? Eu nunca vi, e acho que você também não. Ainda assim, acho que você acredita na existência delas. Por quê? Provavelmente é porque você se depara com evidências da existência delas sempre que ouve rádio ou usa qualquer tipo de comunicação sem fio baseada em ondas de rádio. Essas evidências indiretas levam você a ter fé em que as ondas de rádio existem.

Da mesma forma, nossa incapacidade de ver ou experimentar diretamente um reino espiritual significa que ele não existe? Claro que não. No entanto, deve haver alguma evidência razoável para que pessoas razoáveis acreditem em coisas que não podem ser observadas diretamente, quer estejamos falando de ondas de rádio, de um reino espiritual ou de outra coisa. Então, consideremos algumas evidências da existência de um reino espiritual.

- Talvez a evidência mais forte esteja nas crenças e experiências de milhões de pessoas ao longo de milhares de anos. Praticamente todas as culturas, em todos os períodos da história, acreditaram em algum tipo de reino espiritual. Seria um tanto arrogante da nossa parte desconsiderar completamente as experiências de tantas pessoas sem evidências sólidas em contrário. Será que tantas pessoas poderiam ter vivido em engano quanto a essa questão por tantos anos se a realidade é que não há reino espiritual? Penso que não.
- Milhões de pessoas que vivem hoje (talvez bilhões de pessoas) afirmam ter experiências espirituais que envolvem um reino

espiritual. Todas essas pessoas estão enganadas quanto às suas experiências? Considero muito improvável que todas essas afirmações não tenham qualquer mérito.

- Pessoas que morreram e voltaram à vida muitas vezes dão testemunho sobre experiências de vida após a morte, que geralmente envolvem um reino espiritual. Todas essas experiências são infundadas? Penso que não.
- Muitas pessoas afirmam ter testemunhado “milagres” que não podem ser explicados pela ciência natural. As pessoas que vivenciam tais milagres frequentemente os atribuem a algum tipo de força espiritual e a um reino espiritual.
- Considerando um ponto de vista científico, a moderna “teoria das cordas” sugere que o universo tem muito mais dimensões do que aquelas das quais estamos diretamente cientes. Propõe-se que exista um reino paralelo, do qual em grande parte não temos consciência, para explicar os modelos da teoria das cordas. Até mesmo a ciência moderna parece estar se inclinando para a existência daquilo que chamo de “reino espiritual”.

Todas essas evidências parecem resultar em outra verdade autoevidente:

Um reino espiritual de fato existe.

Para reflexão adicional:

- Você já teve alguma experiência pessoal que sirva de evidência da existência de um reino espiritual?

Capítulo 13

Criação ou não criação?

Vimos anteriormente que todos têm fé em algum grau a respeito de algumas coisas. Também vimos que tanto a crença no naturalismo (tudo pode ser explicado por meio da ciência natural) quanto a crença em forças sobrenaturais (algumas coisas não podem ser explicadas por meio da ciência natural) envolvem fé. Somente um “agnóstico” (alguém que não toma posição sobre tais coisas) pode afirmar **não** ter fé a respeito dessas coisas.

Quando se trata da questão de “criação ou não criação”, temos uma questão semelhante de fé. Nenhum de nós pode observar diretamente o que aconteceu “no princípio”, portanto quaisquer crenças que tenhamos sobre como o universo e a vida passaram a existir envolvem algum grau de fé.

Para mim, a maior evidência de uma criação (o que implica algum tipo de força sobrenatural em ação) é a ciência. Por meio da ciência, o conhecimento da humanidade sobre as coisas naturais se multiplicou enormemente. Muitas coisas que antes eram consideradas simples hoje são reconhecidas como muito complexas. A pura complexidade da vida e a complexidade do universo me parecem grandes demais para terem acontecido apenas com base em forças naturais, tempo e acaso. Quando observo um universo complexo, e a vida complexa neste mundo, vejo uma “criação”, não algo resultante do acaso e do tempo.

Alguns que pensam de outro modo adotam o ponto de vista de Charles Darwin, que escreveu o livro “A Origem das Espécies” (publicado originalmente em 1859). Nesse livro, o sr. Darwin promove a ideia de que a vida complexa evoluiu ao longo de vastos períodos de tempo por tempo e acaso, sem o envolvimento de nenhum criador sobrenatural. Na página 194 (na edição publicada por P.F. Collier & Son, copyright 1909, editada por Charles W. Eliot) ele escreve:

“Se pudesse ser demonstrado que existiu algum órgão complexo que não pudesse de modo algum ter sido formado

por numerosas, sucessivas, pequenas modificações, minha teoria entraria em colapso total. Mas não consigo encontrar nenhum caso assim.”

Embora haja muitas evidências de que a “microevolução” de fato acontece (como o sr. Darwin observou corretamente), até onde sei ninguém jamais observou a “macroevolução” ocorrer (um tipo de animal transformando-se em outro tipo, ou a vida desenvolvendo-se a partir de matéria inanimada). Ninguém jamais observou qualquer “*órgão complexo*” se formando “*por numerosas, sucessivas, pequenas modificações*” a partir de algum outro tipo de órgão. O Sr. Darwin se mostra uma pessoa que tem fé nas crenças do naturalismo ao acreditar que tais coisas aconteceram por acaso e com o tempo no passado, quando nada disso é observado acontecendo em lugar algum hoje.

Desde a época do Sr. Darwin, a ciência da biologia molecular mostrou que até mesmo uma única célula viva é incrivelmente complexa. A ciência ainda não consegue trazer à existência uma única célula viva a partir de matéria inorgânica sem vida; nem a ciência consegue ainda explicar plenamente como as células funcionam. Em minha opinião, é autoevidente que toda célula viva existente hoje é complexa demais para possivelmente “*ter sido formada por numerosas, sucessivas, pequenas modificações*” a partir de matéria sem vida. Concluo, com base na própria declaração do Sr. Darwin, que a ciência moderna demonstrou que a sua teoria *colapsa totalmente*. Isso nos leva a outra verdade autoevidente:

Há uma criação.

Para reflexão adicional:

- O que *você* acha? É provável que nosso universo complexo, com vida complexa, tenha passado a existir meramente por tempo e acaso, sem forças sobrenaturais em ação?

Capítulo 14

Criador ou sem criador?

No capítulo anterior, concluí que há uma criação, que um universo complexo, com vida complexa, não poderia ter surgido meramente por tempo e acaso. Isso exige logicamente algum tipo de criador sobrenatural. Em certo nível, essa lógica simples deveria ser suficiente para outra verdade autoevidente. Mas, primeiro, vamos explorar um pouco mais esse conceito de “criador”.

Você já ponderou a maravilha da fotossíntese? Fotossíntese é o termo usado para descrever como certas células vegetais combinam energia da luz solar, dióxido de carbono (CO_2) e água (H_2O) para produzir moléculas orgânicas complexas (sendo o oxigênio geralmente um subproduto desse processo). Moléculas orgânicas complexas são tanto os blocos de construção da vida quanto fornecem uma forma química de armazenamento de energia. Nossos corpos precisam de um suprimento regular dessas moléculas orgânicas complexas para sobreviver. Muitas vezes chamamos de “alimento” as várias moléculas orgânicas complexas que consumimos. Embora parte do benefício do alimento sejam várias vitaminas e minerais de que nossos corpos precisam, grande parte da função do alimento é simplesmente nos fornecer uma fonte de energia para viver. Nossos corpos usam a energia química armazenada em moléculas orgânicas complexas como fonte de energia para sustentar a vida.

Observe que, com minha definição de “alimento”, estou excluindo substâncias que não nos fornecem energia, como sal e água (embora estas possam estar misturadas com moléculas orgânicas complexas, e a mistura como um todo também possa ser chamada de “alimento”). “Alimento”, nesta discussão, refere-se principalmente a coisas que comemos e que fornecem energia ao nosso corpo para manter a vida.

Você já comeu algum alimento não orgânico? Por “alimento não orgânico” quero dizer moléculas complexas que são semelhantes

às moléculas orgânicas complexas encontradas em alimentos derivados de plantas e animais, mas que são feitas por pessoas usando apenas materiais inorgânicos, sem usar plantas como parte do processo de converter dióxido de carbono e água em moléculas complexas. Tenho quase certeza de que nunca comi nenhum alimento não orgânico, e acho que você também não comeu. Por que não? Porque, neste momento, a humanidade é incapaz de produzir alimento a partir de materiais inorgânicos, pelo menos em qualquer quantidade que seja significativa. Sim, alguns cientistas produziram moléculas simples de açúcar a partir de materiais inorgânicos usando procedimentos especiais de laboratório (não fotossíntese), mas é basicamente só isso. Ainda somos totalmente dependentes das plantas para nosso suprimento de alimentos. (Observe que alimentos derivados de animais, em última análise, têm as plantas como fonte de suas moléculas orgânicas complexas, quando se considera a cadeia alimentar como um todo.) Somente as plantas são capazes de produzir alimento de modo eficiente por meio da fotossíntese.

Algumas pessoas pensam que a maravilha da fotossíntese simplesmente começou a acontecer por tempo e acaso. No entanto, nunca se observou a fotossíntese acontecer por tempo e acaso. Pelo contrário, normalmente se observa que a luz solar decompõe moléculas complexas, não as constrói. Considero que a existência de plantas que produzem alimento diretamente a partir da luz solar, do dióxido de carbono e da água é evidência de um “Criador” inteligente, que é muito mais inteligente do que a humanidade.

Agora suponha que os cientistas acabem desenvolvendo maneiras de produzir alimento a partir de materiais inorgânicos. Isso anularia meu raciocínio? Não, isso apenas mostraria que coisas tão complicadas quanto a fotossíntese só acontecem com a ajuda de muita inteligência, não apenas por tempo e acaso.

Isso nos leva a outra verdade autoevidente:

Existe um criador.

Para reflexão adicional:

- Você já viu ou comeu algum alimento não orgânico?

Capítulo 15

Criação e criador são o mesmo?

No capítulo anterior, deixamos o âmbito do ateísmo (que sustenta que um criador sobrenatural não existe) e passamos a acreditar em alguma forma de criador sobrenatural. Isso nos leva ao âmbito ou do teísmo (a crença em um ou mais “deuses” distintos da criação física) ou do panteísmo (a crença de que toda a criação é divina e faz parte de um só Deus).

A questão em pauta, então, é esta: a criação física, que experimentamos com nossos sentidos, é distinta de um criador ou criadores sobrenaturais (teísmo), ou a criação física é simplesmente parte de um criador sobrenatural (panteísmo)?

Vejo vários problemas insuperáveis no panteísmo. Primeiro, há o problema do mal. Se tudo é divino e parte de um só Deus, então o conceito de bem e mal não faz sentido. Isso contraria a nossa experiência (como expresse nas verdades autoevidentes anteriores).

Em segundo lugar, há o problema das personalidades distintas de todas as pessoas na Terra. Cada indivíduo na Terra parece ser um indivíduo único, autodirigido, que muitas vezes entra em conflito com outras pessoas. Além disso, as crenças religiosas de várias pessoas variam muito. É difícil ver como essas realidades se harmonizam com a ideia de que tudo e todos sejam divinos e parte de um só Deus.

Em terceiro lugar, a ciência moderna mostra que a matéria não orgânica sem vida normalmente segue leis rigorosas da física e da química. É difícil ver como a matéria inorgânica pode ser considerada divina e parte de um só Deus.

Em quarto lugar, a biologia moderna entende que a vida e a inteligência existem em unidades claramente definidas, como plantas individuais ou animais individuais. Isso parece contrário à ideia de que toda a vida seja divina e parte de um só Deus.

A partir disso, chego a outra verdade autoevidente:

A criação é distintamente separada de seu Criador.

Para reflexão adicional:

- Você consegue pensar em outras evidências relacionadas à questão de se a criação é ou não distintamente separada de seu Criador?

Capítulo 16

Deus ou deuses?

Os capítulos recentes chegaram à conclusão:

- Há uma criação.
- Existe um reino sobrenatural.
- Existe um criador sobrenatural.
- O criador sobrenatural é distinto da criação.

Assim, passamos do reino do ateísmo (sem criador sobrenatural) e do panteísmo (tudo é Deus) para alguma forma de teísmo (uma crença em um ou mais “deuses” distintos da criação física). Para evitar confusão, vamos esclarecer os termos “deus” (com “d” minúsculo) e “Deus” (com “D” maiúsculo):

deus: Um ser sobrenatural que possui algum tipo de poder sobrenatural.

Deus: O maior de todos os seres sobrenaturais e o criador de tudo (incluindo todos os “deuses” menores).

Anteriormente, constatamos que a existência de um reino espiritual é autoevidente. A aceitação de um reino espiritual geralmente está associada à aceitação de seres sobrenaturais que existem no reino espiritual. Quase toda religião reconhece isso. Por exemplo, as tradições cristã, judaica e muçulmana geralmente acreditam em anjos e espíritos malignos. De uma perspectiva humana natural, cada um deles é um “ser sobrenatural que possui algum tipo de poder sobrenatural”, o que se correlaciona com a definição de “deus” dada acima. O Hinduísmo, assim como a maioria das outras religiões orientais, também acredita na existência de múltiplos deuses. Da mesma forma, o Satanismo, a Wicca e várias outras religiões ocultistas geralmente acreditam em múltiplos seres sobrenaturais com poderes sobrenaturais. A partir disso, concluo:

Múltiplos seres sobrenaturais com poderes sobrenaturais existem no reino sobrenatural.

Embora essa conclusão possa representar um bom progresso, ainda nos resta a questão de saber se existe um só Deus que é maior do que todos os outros, e se esse um só Deus é ou não a fonte de todos os outros deuses e, em última instância, o Criador de tudo.

Muitas pessoas seguem religiões que geralmente são consideradas como crenças em muitos deuses. No entanto, muitas delas, incluindo muitos ramos do Hinduísmo, também acreditam em um só Deus que é maior do que os outros, e que muitas vezes é considerado o Criador de tudo.

Considere ainda: em religiões que não creem em um só Deus que criou tudo, os vários deuses costumam ser entendidos como relativamente independentes uns dos outros e muitas vezes estão em conflito entre si, de modo muito semelhante ao modo como as pessoas muitas vezes entram em conflito. Assim como grupos de pessoas muitas vezes têm dificuldade para chegar a um acordo e avançar, esse parece ser o caso com os deuses dessas religiões. Tal situação me parece incompatível com a tremenda complexidade ordenada que observamos no universo. É difícil conceber que o universo pudesse ter sido feito por múltiplos deuses, cada um com opiniões diferentes sobre como as coisas deveriam ser.

Vimos anteriormente que a vida complexa em um universo ordenado exige algum tipo de Criador. Como parece que múltiplos deuses menores não podem explicar tal Criador, parece que deve haver um só Deus que criou todas as coisas (incluindo todos os outros “deuses”). Isso nos leva a outra conclusão:

***Há um só Deus
que é maior do que todos os outros “deuses.”***

Para reflexão adicional:

- Você aceita esta conclusão de “um só Deus”? Se não, no que você acredita nessa área, e que evidências você tem para sustentar suas crenças?

Capítulo 17

Uma conclusão autoevidente

Muitos anos atrás, estudei engenharia elétrica na Oregon State University. Praticamente todos os meus estudos de engenharia eram baseados no que considero ser “ciência dura”, como matemática e física. É claro que a divisão entre o que é “ciência dura” e o que é “ciência branda” é discutível. Considero que “ciência branda” inclui áreas como filosofia, psicologia, religião e ciência política. Para mim, a distinção entre ciência “dura” e ciência “branda” é o grau em que os conceitos principais são observáveis, precisos, comprováveis e repetíveis.

Não me lembro de nenhuma discordância séria a respeito da “verdade” relacionada às minhas aulas de ciência, matemática e engenharia. Com a ciência dura como fundamento, não há muito o que discutir; é, em grande parte, uma questão de entendê-la e aprender a aplicá-la de maneiras práticas. É claro que as pessoas podem discutir sobre a melhor maneira de implementar uma solução (como que estilo de ponte construir para transpor um rio), mas as ciências duras que estão por trás disso (os cálculos e princípios que garantem que a ponte não cairá) geralmente estão firmemente estabelecidas. Se esse não fosse o caso, as pessoas não seriam capazes de projetar pontes com razoável certeza de que elas não cairão.

Há um lado elegante nas ciências duras que passei a apreciar: Em geral, há apenas uma resposta correta para a maioria dos tipos de análise de ciência dura. Suponho que isso tenha relação com a forma como defino ciência “dura” e “branda”. Na ciência dura, a análise matemática de um problema muitas vezes pode ser abordada por muitos caminhos diferentes, mas a resposta deve ser sempre a mesma (geralmente há apenas uma resposta correta). Se as soluções resultam diferentes quando abordadas por direções diferentes, então quase certamente ocorreu um erro (ou então, pela minha definição, não estamos lidando com ciência dura).

Esse mesmo padrão de chegar a resultados semelhantes por caminhos diferentes também deveria ocorrer na prática, em menor grau, nas ciências brandas, como a filosofia e a religião. Por exemplo, considere esta pergunta filosófica:

“Por que o universo existe?”

Os capítulos anteriores chegaram às três verdades autoevidentes a seguir por meio da observação e da razão:

- Tudo tem um começo.
- Há uma criação.
- Existe um criador.

Podemos simplesmente combinar essas verdades e chegar à seguinte conclusão sobre por que o universo existe:

No princípio, um criador criou a criação.

Alternativamente, alguém poderia procurar na escritura uma resposta para a pergunta: “Por que o universo existe?” O primeiro versículo da Bíblia diz:

No princípio Deus criou os céus e a terra. —Gênesis 1:1

Essas duas respostas são praticamente as mesmas. Usando dois caminhos diferentes, chegamos a resultados semelhantes. O primeiro caminho foi usar observação e razão. O segundo caminho foi buscar na escritura uma resposta. Nós essencialmente constatamos que o primeiro versículo da Bíblia é verdadeiro, com base em verdades autoevidentes.

Para reflexão adicional:

- Você concorda que “No princípio Deus criou os céus e a terra”?

PARTE 2

Fé e ciência

Parece haver muita confusão sobre a relação entre fé e ciência. Essa confusão tende a impedir as pessoas de acolherem a verdade espiritual autoevidente. Assim, nesta seção, tentarei compreender a relação entre “fé” e “ciência”.

Abordaremos este tema com o seguinte esboço:

- Sobre a fé
- Sobre a ciência
- Fé na ciência?
- Engano
- Fé e engano
- Ciência e engano
- Fé e ciência em conflito

Capítulo 18

Sobre a fé

No capítulo 11, foi apresentada uma definição simples de “fé”:

Fé: Crença em algo que não foi diretamente observado.

É claro que, como tantas palavras, há muitos outros usos possíveis da palavra “fé” que essa definição não aborda bem. Mas, para a discussão neste livro, essa definição é o que quero dizer quando uso a palavra “fé”.

Além disso, a expressão “ter fé” significa acreditar em algo que não foi diretamente observado.

Segundo essa definição de “fé”, uma pessoa pode ter fé em relação a coisas tanto no mundo natural quanto no reino espiritual (como discutido em parte no capítulo 11, “Fé ou Sem Fé”). O ponto essencial sobre a fé é que ela envolve acreditar em coisas que não foram diretamente observadas, independentemente de essas coisas serem naturais ou sobrenaturais.

Com essa definição, a fé está envolvida quando acredito em algo que outras pessoas afirmam ter observado, mas que eu mesmo não observei diretamente. Se eu não tenho conhecimento ou experiência em primeira mão sobre uma determinada coisa, então a fé está envolvida se eu acredito nela. Acho que o mesmo vale para você. Por exemplo: Você acredita que aquilo que é noticiado por um determinado veículo jornalístico é verdade? Se sim, então você tem algum nível de fé na veracidade desse veículo jornalístico e das notícias que ele divulga. Afinal, como você não observa a maior parte das notícias em primeira mão, é possível que algumas das notícias que você ouve tenham sido inventadas ou distorcidas para atender aos propósitos daqueles que as apresentam. É preciso algum nível de fé para acreditar em informações de segunda mão. E, é claro, simplesmente acreditar que algo é verdade não o torna verdadeiro. Podemos ser enganados a respeito de coisas nas quais depositamos nossa fé (mais sobre isso nos capítulos 21, 22 e 23).

Observe que, para uma pessoa que vivencia diretamente um evento, esse evento não é uma questão de fé para essa pessoa, já que ela observou diretamente o evento. No entanto, para aqueles que só ficam sabendo do evento por terceiros, crer que tal evento aconteceu é uma questão de fé. A força da fé de alguém em relação a tal evento depende do tipo e da quantidade de evidências que existem a respeito do evento. Quanto mais fortes as evidências, mais forte normalmente seria a fé de alguém a respeito dele. Quanto mais fé alguém tem em uma determinada fonte de informação, mais prontamente aceitará o que é dito como verdadeiro.

Há um mal-entendido comum do qual devemos estar cientes. Muitas vezes temos tanta fé em algumas fontes de informação que nem sequer consideramos que a fé esteja envolvida em crer nelas. De fato, a maioria das escolas e dos professores parece agir com a suposição de que os alunos deveriam simplesmente aceitar sem questionar tudo o que é ensinado. Com frequência demasiada, os alunos simplesmente aceitam o que é afirmado pelos professores como fato com autoridade, com fé completa em tudo o que os professores ensinam. Eu mesmo já fui culpado disso, mais vezes do que gostaria de admitir. Sugiro que todos nós deveríamos ser mais cuidadosos com as coisas que aceitamos pela fé. Fariamos bem em não nos apressar a aceitar informações de segunda mão como verdade final.

Para reflexão adicional:

- Quais são algumas coisas em que você acredita e que não observou diretamente?
- Quais são algumas coisas que você sabe serem verdadeiras devido à sua própria observação direta?

Capítulo 19

Sobre a ciência

Agora, consideremos uma definição simples de “ciência”:

Ciência: Conhecimento sobre o mundo natural e universo derivado de experimentos, observação e razão.

Novamente, assim como a palavra “fé”, há muitos outros usos possíveis da palavra “ciência” que esta definição não aborda bem. Mas, para a discussão neste livro, é essa definição que tenho em mente quando uso a palavra “ciência”.

Por essa definição, “ciência” trata do “mundo natural e universo”, não do reino espiritual. Na medida em que algo faz parte do “reino espiritual”, nessa medida está além do domínio da ciência, que trata apenas do “mundo natural e universo”.

Observe que “ciência” trata do conhecimento derivado de “experimentos, observação e razão.” Pode-se esclarecer isso acrescentando que a ciência se baseia em experimentos e observações que podem ser repetidos com resultados consistentes. Se resultados experimentais e observações não puderem ser repetidos de modo consistente, então os resultados normalmente não são aceitos como ciência legítima.

No entanto, parece haver uma grande quantidade de “conhecimento” que muitas pessoas aceitam como conhecimento “científico”, mas que não deriva de observações ou experimentos repetíveis. Por exemplo, algumas pessoas afirmam que a vida na terra começou com o que se chama de “geração espontânea.” Esse é o conceito de que a primeira célula viva (ou células) simplesmente surgiu aleatoriamente por meio do tempo e do acaso, sem nada sobrenatural envolvido. Tal crença é uma questão de ciência ou de fé? Com base nas definições de fé e ciência com as quais estamos trabalhando neste livro, tal crença me parece estar mais no âmbito da fé do que da ciência. Nunca ouvi falar de alguém que tenha observado tal coisa acontecer, nem mesmo indiretamente. Não conheço nenhum experimento que tenha sido capaz de repetir tal

ocorrência. Então, acreditar em “geração espontânea” me parece ser uma questão de fé, não de ciência.

Como outro exemplo, considere a origem da raça humana. Algumas pessoas pensam que a “ciência” mostra que evoluímos dos macacos e de animais inferiores ao longo de milhões de anos. Alguém já observou diretamente algo assim acontecer? Não que eu saiba. Há algum experimento repetível que apoie essa crença? Mais uma vez, não conheço nenhum experimento desse tipo. Sim, sei que alguns cientistas afirmam que certos fósseis apoiam tais teorias. Eu mesmo nunca vi nenhum fóssil, nem sequer fotos de fósseis, que levem claramente a tal conclusão. Se eu fosse acreditar nesse tipo de macroevolução, seria uma questão de fé. Seria uma “crença em algo que não foi observado diretamente”.

Observe que NÃO estou afirmando aqui que tais crenças sejam incorretas (embora eu de fato possa tender a essa perspectiva); Estou apenas destacando aqui que tais crenças são, para a maioria das pessoas, mais questões de fé do que de ciência. Algumas pessoas podem ter conhecimento direto sobre tais coisas e, para elas, poderia ser dito que seu próprio conhecimento se baseia na ciência, não na fé. Para a maioria das pessoas que acreditam nessas coisas, parece-me que suas crenças são mais questões de fé do que de ciência.

Para reflexão adicional:

- Quais são algumas crenças científicas que você sabe serem verdadeiras com base em seus próprios experimentos, observação e razão?
- Quais são algumas crenças “científicas” que você aceita pela fé?
- Você já viu algum fóssil que apoie claramente a crença de que os seres humanos descendem de outras formas de vida?

Capítulo 20

Fé na ciência?

No capítulo anterior, afirmei que muitas crenças que as pessoas têm a respeito de coisas associadas à ciência são mais questões de fé do que de ciência. Tentarei esclarecer um pouco isso.

O problema de as pessoas confundirem questões de “fé” e “ciência” parece ser bastante comum, tanto entre pessoas que pensam que não são religiosas quanto entre aquelas que de fato se consideram religiosas. Esse problema se deve em parte à sobreposição que tende a existir entre fé e ciência. A maioria dos cientistas tem conhecimento científico direto por meio de “experimentos, observação e razão” em sua área de especialidade. No entanto, a maioria das pessoas, incluindo a maioria dos cientistas, não tem conhecimento científico direto por meio de “experimentos, observação e razão” em muitas áreas do conhecimento científico. Para elas, a aceitação de tal conhecimento científico se baseia em parte na fé, fé em outros que afirmam ter desenvolvido conhecimento científico por meio de “experimentos, observação e razão”.

Assim, a linha entre ciência e fé é bastante nebulosa e será diferente para cada pessoa. Por exemplo, considere a equação de Einstein que relaciona energia (e), massa (m) e a velocidade da luz (c):

$$e = mc^2$$

Algumas pessoas afirmam de fato entender a derivação e as evidências dessa equação. Eu NÃO sou uma dessas pessoas. Estudei um pouco de física na faculdade, mas NÃO me formei nessa área. No entanto, acredito que $e=mc^2$ é válida e verdadeira, mas não porque eu entenda a física por trás dela. Não comprovei que esta equação é verdadeira revisando resultados experimentais, nem por minha própria observação ou por meu próprio raciocínio. Creio que ela é verdadeira pela **fé**. Tenho fé de que Einstein e aqueles que revisaram e aprovaram seu trabalho sabiam o que estavam fazendo. Eu tenho **fé** que

Einstein estava certo com base na ampla aceitação de $e=mc^2$ pela comunidade científica.

Por outro lado, eu me especializei em engenharia elétrica. Uma das equações mais fundamentais da eletricidade é conhecida como Lei de Ohm. Ela relaciona tensão (E) a corrente (I) e resistência (R):

$$E=IxR$$

Sei que essa relação é verdadeira com base em meus próprios experimentos, minhas próprias observações e razão. Dito de outra forma: sei que a Lei de Ohm é verdadeira com base em minha própria compreensão pessoal da ciência. A fé NÃO está envolvida para mim quando afirmo que a Lei de Ohm é verdadeira.

Agora, o objetivo de falar sobre fé e ciência dessa maneira é ajudar nossa compreensão da relação entre fé e ciência. Algumas pessoas afirmam confiar apenas na ciência, e dizem não querer nada com coisas de fé, sem perceber o quanto de sua confiança na ciência na verdade envolve **fé na ciência**, em vez de sua própria observação direta e razão e compreensão.

Permitam-me tentar resumir estes pensamentos. Na medida em que algo é diretamente observado ou compreendido por um indivíduo, trata-se de uma questão de ciência para essa pessoa, não de fé. Na medida em que se acredita em algo, mas esse algo NÃO é diretamente observado nem compreendido por um indivíduo, então trata-se de uma questão de fé em algum grau, NÃO apenas de ciência. Percebo que muitas pessoas parecem ter mais fé na ciência do que conhecimento sobre ciência.

Para reflexão adicional:

- Quanto da sua aceitação do conhecimento científico se baseia mais na fé do que no seu próprio conhecimento “derivado de experimentos, observação e razão”?

Capítulo 21

Engano

No capítulo 2, examinamos o conceito de “verdadeiro ou falso”. Vimos que algumas coisas são verdadeiras e algumas coisas são falsas. Disso se segue que é possível que cada um de nós acredite que algo seja verdadeiro quando na verdade é falso, ou que acredite que algo seja falso quando na verdade é verdadeiro. É comum dizer que uma pessoa que tem tais crenças erradas está “enganada” em relação a essas crenças. Com base nisso, proponho uma definição simples para a palavra “enganado”:

Enganado: Uma condição de crer que algo é verdadeiro quando, na realidade, é falso, ou de crer que algo é falso quando, na realidade, é verdadeiro.

Deve ficar claro que todos nós já fomos enganados, às vezes, a respeito de algumas coisas. Talvez preferíssemos dizer que estávamos “equivocados”, mas isso provavelmente se encaixa na definição acima de estar “enganado”. Para a maioria de nós, quanto mais envelhecemos, mais coisas percebemos a respeito das quais fomos enganados. Aqueles que pensam que nunca foram enganados a respeito de coisa alguma talvez sejam os mais enganados de todos!

Devemos observar que ser enganado é diferente de ser neutro ou ignorante a respeito de algo. Se eu não tenho uma opinião ou crença firmada sobre algo, não posso ser enganado a respeito disso. Ou sou simplesmente neutro em relação a isso, ou talvez seja apenas ignorante a respeito disso (ou um pouco de ambos). Só posso ser enganado sobre coisas acerca das quais afirmo conhecer a verdade. Se não afirmo conhecer a verdade sobre algo (seja abertamente ou em segredo), então não posso ser enganado sobre isso. Creio que o mesmo se aplica a você.

Agora, parece óbvio que ser enganado sobre algo geralmente NÃO é bom. Com poucas exceções (não consigo pensar em nenhuma), geralmente é RUIM ser enganado sobre qualquer coisa. Ser enganado geralmente leva a fazer coisas que são prejudiciais, em vez de úteis. Então, espero que você já tenha

como objetivo NÃO ser enganado. Supondo que seja esse o caso, isso levanta uma questão importante:

Como podemos evitar ser enganados?

Proponho as seguintes maneiras simples de evitar o engano:

Primeiro: Simplesmente esteja ciente da possibilidade de ser enganado. Isso deve nos ajudar a demorar mais para chegar a conclusões sobre uma questão. Teremos menos probabilidade de ser enganados se estivermos conscientes dessa possibilidade.

Segundo: Adote uma atitude neutra em relação às coisas sobre as quais você não tem conhecimento suficiente para ter certeza. Creio firmemente que é melhor ter uma atitude neutra em relação a algo do que ser enganado a respeito disso. Muitas vezes, não há necessidade de formar conclusões sobre as coisas rapidamente. Adote uma atitude neutra até ter informações suficientes para formar uma crença válida.

Terceiro: Reconheça sua própria ignorância, quando apropriado. Alguém disse que “a ignorância é uma bênção.” Em geral, discordo. No entanto, muitas vezes é melhor reconhecer nossa ignorância sobre algo do que fingir ter todas as respostas certas e acabar errando. Esteja disposto a reconhecer sua própria ignorância sobre algo em vez de correr o risco de ser enganado a respeito disso.

Quarto: Seja um buscador da verdade. Busque ativamente a verdade e construa sua vida em torno de coisas que você sabe serem verdadeiras. Evite depender de coisas que podem não ser verdadeiras.

Para reflexão adicional:

- Quais são algumas coisas sobre as quais você foi enganado?
- Será que, no presente, você pode estar enganado sobre algo?

Capítulo 22

Fé e engano

Lembre-se da definição simples de “fé” que estamos usando:

Fé: Crença em algo que não foi diretamente observado.

Como “fé” lida com coisas que não foram observadas diretamente, segue-se que é relativamente fácil ser enganado em questões que envolvem fé. Poucas pessoas são enganadas a respeito de coisas que observam diretamente. Não, é mais provável que sejamos enganados a respeito de coisas que não observamos diretamente, incluindo coisas que observamos apenas parcialmente ou indiretamente, ou coisas das quais só ouvimos falar por meio de outras pessoas.

Por exemplo, você talvez tenha ouvido falar do drama radiofônico de 1938 sobre “A Guerra dos Mundos”. A história indica que ele foi dirigido e narrado por Orson Welles, e que foi ao ar pela Columbia Broadcasting System em 30 de outubro de 1938 por todos os Estados Unidos. (Eu não estava vivo naquela época; não o ouvi nem o observei por mim mesmo; estou me baseando em relatos históricos, em cuja precisão tenho algum grau de fé.) Era um drama radiofônico sobre uma invasão por alienígenas espaciais, baseado em um romance de H.G. Wells. Infelizmente, muitas pessoas que sintonizaram depois da introdução do drama pensaram que as notícias sobre uma invasão alienígena eram verdadeiras e começaram a entrar em pânico e a sofrer extrema angústia mental. Relata-se que algumas pessoas tentaram suicídio. Por que a angústia mental? Por que as tentativas de suicídio? Porque essas pessoas tinham fé forte na precisão das notícias de rádio. Elas acreditavam que o que estavam ouvindo era verdade, embora não tivessem observado diretamente nenhuma evidência da invasão relatada. Elas foram enganadas; acreditaram que algo era verdadeiro, quando na realidade era falso.

Considere outro exemplo. Relata-se que a Bernard L. Madoff Investment Securities LLC foi fundada em 1960 por ninguém menos que Bernard L. Madoff. Por cerca de 48 anos, essa

empresa de investimentos “investiu” o dinheiro de outras pessoas para elas e, em geral, apresentou retornos muito consistentes e fortes sobre esses investimentos. O Sr. Madoff desenvolveu grande riqueza e respeito com base no sucesso consistente de sua empresa. Muitas pessoas tinham fé forte na empresa e provaram sua fé ao finalmente confiar mais de US\$50.000.000.000 à empresa de investimentos do Sr. Madoff (isto é, 50 **B**ilhões de dólares, ou 50.000 **M**ilhões de dólares). Talvez você tenha ouvido falar: em 2008, descobriu-se que essa empresa de investimentos operava um esquema Ponzi! O dinheiro novo que entrava não era investido de maneira adequada. Em vez disso, era usado para pagar investidores anteriores e proporcionar ao Sr. Madoff um estilo de vida luxuoso. Aparentemente, até mesmo alguns de seus próprios familiares que trabalhavam no negócio desconheciam em grande parte o engano. Muitas pessoas tinham fé no Sr. Madoff e em sua empresa, mas foram enganadas. Elas acreditavam em algo que não haviam observado diretamente, e só mais tarde descobriram que haviam sido enganadas.

Considere um exemplo um pouco mais religioso. Muitos pregadores de televisão bem-sucedidos (e algumas igrejas) parecem ter uma mensagem mais ou menos assim:

“Deus quer abençoar você financeiramente! Nós, que estamos servindo a Deus, precisamos de mais recursos para servir melhor a Deus. Invista em nosso ministério e Deus abençoará você financeiramente! Não impeça mais a bênção de Deus; contribua hoje!”

Tais alegações são verdadeiras? Acreditar em tais alegações geralmente envolve fé, mas ter fé em algo não o torna verdadeiro. Da mesma forma, porém, não ter fé em algo não o torna falso.

Para reflexão adicional:

- Você atualmente tem fé em algo que pode acabar sendo um engano?

Capítulo 23

Ciência e engano

Lembre-se da definição simples de “ciência” que estamos usando:

Ciência: Conhecimento sobre o mundo natural e universo derivado de experimentos, observação e razão.

Como a “ciência” trata do conhecimento “derivado de experimentos, observação e razão”, alguém poderia pensar que é relativamente difícil ser enganado em questões de ciência. No entanto, vimos anteriormente, nos capítulos 19 e 20, que muitas pessoas têm mais fé na ciência do que conhecimento científico real. Como muito do que acreditamos em relação à ciência se baseia, na verdade, na fé no que os cientistas dizem (em vez de nossa própria observação direta e compreensão), a possibilidade de engano é bastante grande, na minha opinião.

Por exemplo, você ouviu falar da startup de tecnologia cujo principal produto se baseava em uma descoberta científica revolucionária? Investidores despejaram dinheiro na empresa, acreditando que a ciência por trás do produto que planejavam era sólida. Em vez disso, apenas o plano de negócios da empresa para conseguir dinheiro de investidores era sólido! Os investidores acreditavam que a ciência era válida, mas aparentemente não era. Alegou-se fraude; seguiram-se processos judiciais. Estou propositalmente não mencionando nomes aqui; a situação descrita não é exclusiva de uma empresa.

Considere outro exemplo. Muitos anos atrás, era uma crença científica comum (baseada em experimentos simples, observação e razão) que muitas formas de vida, especialmente pequenos insetos, se desenvolviam espontaneamente em matéria orgânica (como em comida apodrecida ou fezes). Foi por volta do ano de 1864 que Louis Pasteur mostrou claramente que a geração espontânea da vida não acontece. Ele mostrou que todas as formas de vida vêm de formas de vida semelhantes por meio de métodos reprodutivos naturais. Com a ciência mais desenvolvida que existe hoje, agora é amplamente aceito que as formas de vida como as conhecemos não surgem simplesmente

de modo espontâneo. Este é um exemplo claro de uma antiga crença “científica” que se mostrou falsa com base em uma ciência melhor. As aparências podem enganar!

Considere a ciência da medicina. De quantos medicamentos você já ouviu falar que um dia foram promovidos como um tratamento para o bem de um problema de saúde específico, mas depois se descobriu que tinham efeitos nocivos piores do que seus benefícios? Muitas pessoas tomaram esses medicamentos acreditando que a ciência médica os demonstrava seguros. Elas acreditavam que os medicamentos eram seguros, quando na verdade não eram seguros. Elas acreditavam que algo era verdadeiro quando, na verdade, era falso. Elas foram enganadas.

Observe que a definição de “enganado” que estamos usando não considera se há ou não um enganador intencional envolvido. Ser enganado é simplesmente “um estado de acreditar que algo é verdadeiro quando na verdade é falso, ou de acreditar que algo é falso quando na verdade é verdadeiro.” Nos dois últimos exemplos, não parece que alguém estivesse enganando intencionalmente outra pessoa. No entanto, no primeiro exemplo (a empresa start-up), parece haver uma probabilidade maior de engano intencional por parte de alguém. Portanto, podemos ser enganados a respeito de coisas mesmo na ausência de engano intencional.

Considere um fio condutor comum em cada um dos exemplos acima. Em cada caso, as pessoas acreditavam em algo sobre o qual, na verdade, tinham pouco ou nenhum conhecimento direto. Elas tinham fé em seu próprio entendimento limitado, ou no conhecimento científico limitado de outros. Portanto, vemos que podemos ser enganados a respeito do conhecimento “científico” quando esse conhecimento é incompleto ou é simplesmente aceito pela fé.

Para reflexão adicional:

- Você já foi enganado a respeito de algo que acreditava estar baseado em ciência sólida?

Capítulo 24

Fé e ciência em conflito

Vamos rever brevemente, mais uma vez, as definições simples de “fé” e “ciência” que temos usado dos capítulos 18 e 19:

Fé: Crença em algo que não foi diretamente observado.

Ciência: Conhecimento sobre o mundo natural e universo derivado de experimentos, observação e razão.

Como a fé geralmente envolve crença em coisas que não são observadas diretamente, e a ciência geralmente envolve conhecimento sobre coisas que são observáveis, não precisa haver conflito entre as duas. Então, por que muitas vezes parece haver conflito entre fé e ciência?

Devemos entender que conflitos entre fé e ciência podem acontecer de duas maneiras fundamentalmente diferentes:

- Conflitos **entre pessoas diferentes** (ou diferentes grupos de pessoas), que surgem devido a diferenças nas crenças de fé e no conhecimento científico das diferentes pessoas.
- Conflitos **dentro de um indivíduo** em relação às suas próprias crenças de fé e ao conhecimento científico.

Se quisermos ter alguma esperança de resolver conflitos entre fé e ciência entre pessoas diferentes, primeiro devemos ser capazes de compreender e resolver esses conflitos dentro de nós mesmos. Então, vamos nos concentrar nos conflitos em nível pessoal individual.

Muitas pessoas simplesmente pensam que conflitos entre fé e ciência não podem ser resolvidos, por isso nem sequer tentam reconciliar as duas coisas, nem mesmo dentro de seu próprio entendimento. No entanto, acredito que a “lei da não contradição” é válida. Essa lei, desenvolvida desde os tempos antigos por meio de várias tradições filosóficas, basicamente afirma:

- Se duas afirmações (ou ideias ou crenças) se contradizem, então as duas afirmações (ou ideias ou crenças) não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo e no mesmo sentido.

Creio que esta lei da não contradição é verdadeira em todos os assuntos de ciência (coisas que podemos observar de modo consistente) e fé (coisas não observadas diretamente). Creio que a verdadeira ciência não contradiz a fé em relação às coisas que são verdadeiras. Assim, com base na lei da não contradição, afirmo que o seguinte é verdadeiro:

- Se tivermos fé apenas em coisas que realmente são verdadeiras (embora não possamos provar sua verdade de modo científico), e se nosso conhecimento científico se basear apenas em ciência que é realmente verdadeira (não afetada por vários enganos associados à ciência), então não haverá contradição entre assuntos de fé e assuntos de ciência.

Contradições em nossas crenças servem para nos indicar que estamos acreditando em algo que é falso. Aplicado à nossa própria vida, isso serve como uma forma de nos ajudar a identificar crenças falsas e nos libertar delas. Se houver uma contradição em nossas crenças, então devemos ajustar nossas crenças de fé ou nosso conhecimento científico para resolver essa contradição.

Agora vamos examinar brevemente os conflitos entre fé e ciência envolvendo diferentes pessoas ou diferentes grupos de pessoas. Não deveria ser difícil perceber que muitos desses conflitos resultam do fato de um ou ambos os lados acreditarem em coisas que não são verdadeiras, sejam elas coisas “científicas” ou questões de fé. Como a maioria das pessoas demora a aceitar mudanças em suas crenças, a resolução de conflitos costuma ser um processo lento e difícil.

Para reflexão adicional:

- Você acredita que a lei da não contradição é verdadeira? Por quê ou por que não?
- Existem algumas contradições entre seu conhecimento científico e suas crenças de fé? Se sim, que mudanças em seu conhecimento ou em suas crenças poderiam resolver essas contradições?

PARTE 3

Deus revelado

É possível aprender algo sobre um artista a partir de sua arte? É possível aprender algo sobre um arquiteto a partir dos edifícios que ele projeta? Claro. As coisas que criamos são um reflexo de quem somos.

Com a conclusão, na Parte 1, de que há um só Deus que criou tudo, agora podemos ir além: Podemos olhar para o que foi criado para aprender sobre Deus. Abordaremos isso observando como Deus é revelado em várias áreas:

- Deus revelado na natureza
- Deus revelado em nós mesmos
- Deus revelado nos outros
- Deus revelado nos relacionamentos
- Deus revelado por meio dos outros
- Deus revelado por meio da Escritura
- Deus revelado por meio de Jesus?

Capítulo 25

Deus revelado na natureza

Belos pores do sol, ondas quebrando no oceano, ciclos de vida e morte, terremotos, tempestades, doenças; o que podemos aprender sobre Deus a partir dessas coisas?

Primeiro, considere a grandeza de Deus. A vastidão do universo revela um Deus cujo poder não conseguimos compreender. A complexidade da vida, e da natureza em geral, revela um Deus cuja compreensão e capacidade criativa excedem em muito as nossas. De fato, alguns rejeitam a crença em Deus simplesmente porque não conseguem compreender um Deus que possui poder e capacidade criativa tão insondáveis. Talvez fosse mais sábio reconhecer nossas próprias limitações nessa área, em vez de tentar limitar Deus a algo que possamos compreender plenamente.

Ao longo da história, as pessoas têm lutado para compreender quão grande Deus é. O astrônomo italiano Giordano Bruno esteve entre os primeiros a propor um Deus infinitamente poderoso com base em sua compreensão de um universo infinito. Infelizmente, poucas pessoas de sua época conseguiam compreender a vastidão do universo tal como a ciência hoje o entende, e a maioria dos líderes religiosos da época do Sr. Bruno insistia em um modelo do universo centrado na Terra. O Sr. Bruno tinha muitas outras crenças que contrariavam os líderes religiosos de sua época. Por fim, seu pensamento inconformista foi considerado excessivamente conflitante com as crenças tradicionais, e a história indica que o Sr. Bruno foi executado em Roma em 17 de fevereiro de 1600 d.C., após um longo julgamento a respeito de suas crenças.

A compreensão de Giordano Bruno sobre a vastidão do universo é hoje amplamente aceita, dados os enormes avanços do conhecimento científico desde sua morte. Acredito que o Sr. Bruno também estava certo sobre a grandeza de Deus. Isso nos leva a uma verdade importante sobre Deus:

Deus é maior do que podemos compreender.

Em segundo lugar, considere os contrastes marcantes presentes na natureza. Muita beleza e alegria parecem ser paralelas a muita feiura e sofrimento. E talvez esse seja o ponto: tanta coisa na natureza é uma questão de contrastes. Somente quando comparada a algo feio é que podemos compreender o valor da beleza. A boa saúde só é apreciada quando contrastada com a saúde precária. A paz é valorizada apenas na medida em que é contrastada com o conflito. O limpo só é valorizado quando contrastado com o sujo. Assim, concluo, a partir desses muitos contrastes na natureza, que fazer distinções faz parte de quem Deus é. Distinções entre beleza e feiura; entre bem e mal; entre saudável e doente; entre forte e fraco; fazer distinções entre tais coisas parece fazer parte do caráter de Deus.

Alguns poderiam sugerir que Deus é indiferente a tais coisas, já que ambos os lados desses contrastes estão presentes na natureza. Pelo contrário, considero que a existência de tais contrastes indica que Deus de fato se importa com eles. E assim como nós, pessoas, naturalmente buscamos coisas “boas” e rejeitamos coisas “ruins”, penso que está claro que Deus, da mesma forma, prefere coisas “boas” a coisas “ruins”. Vamos resumir essa ideia desta maneira:

Deus faz distinções entre coisas que são boas e coisas que são ruins.

Isso levanta uma questão importante: Parece-me que seria sábio de nossa parte valorizar as coisas que Deus valoriza e rejeitar as coisas que Deus rejeita.

Para reflexão adicional:

- Você consegue pensar em outros aspectos da natureza que revelem algo sobre Deus?

Capítulo 26

Deus revelado em nós mesmos

Nós, seres humanos, somos possivelmente os seres mais sofisticados e mais desenvolvidos da criação física de Deus — pelo menos entre aqueles dos quais temos consciência direta. Como tais, parece provável que muitos aspectos de Deus se reflitam no modo como ele fez cada um de nós. Vamos considerar algumas maneiras pelas quais o caráter de Deus parece se refletir no modo como somos feitos.

Você já ficou tocado pela beleza de uma obra de arte, de um belo pôr do sol ou de uma bela cachoeira? Você já se preocupou com algo que fez, perguntando-se se os outros iriam apreciá-lo ou não? De onde vêm seu apreço e sua preocupação pelas coisas belas? Percebo que ter apreço pela beleza faz parte de como fui feito, não é algo que precisei aprender (embora a educação possa ter impacto sobre como valorizo a beleza). Como Deus é, em última instância, o Criador de todos nós, e cada um de nós parece ter uma apreciação inata pela beleza, concluo que:

***Deus aprecia a beleza,
e se deleita em fazer coisas belas.***

Considere também que é natural que, quando qualquer um de nós faz algo, queiramos que isso reflita algo bom sobre nós mesmos. Se cozinhamos comida, normalmente queremos que ela tenha boa aparência e bom sabor, para que os outros tenham uma boa impressão de nós. Se fazemos arte, queremos que ela comunique algo bom sobre nós mesmos. Se construímos uma casa, queremos que o resultado final seja “bem”, para que outros se beneficiem dela e apreciem o nosso trabalho. Creio que isso também é um reflexo de Deus:

***Deus valoriza fazer coisas de bem e gosta
quando apreciamos as coisas de bem que
ele fez.***

Agora considere algo que você fez, que tenha sido danificado de modo irresponsável por outra pessoa ou do qual outra pessoa

tenha falado mal. Incomodou você que alguém demonstrasse tamanho descaso por aquilo que você fez? Sei que, para mim, a resposta é obviamente “Sim, isso me incomodou quando fizeram aquilo.” Você supõe que Deus é indiferente quando abusamos do que ele criou ou falamos mal disso? Eu não acho. Creio que podemos dizer com segurança:

Deus se importa com o que ele criou.

Considere ainda: Você já foi injustiçado por alguém e ficou chateado com essa pessoa? De onde vêm tais convicções e emoções? Por que você fica irado com algumas coisas? Isso também parece fazer parte de como somos feitos. Mais uma vez, vejo isso como um reflexo do caráter de Deus:

Deus tem convicções sobre o que é certo e o que é errado.

Deus tem uma reação emocional diante das coisas erradas que acontecem.

Algumas pessoas pensam que Deus é indiferente a nós e está distante. Pelo contrário, percebo que nossas próprias emoções, nossos próprios gostos e nossas próprias aversões mostram que Deus não está distante, desinteressado e indiferente. Em vez disso, ele está perto, ele se importa e ele é justo.

Para reflexão adicional:

- Quais são alguns outros aspectos da sua própria humanidade que podem ser um reflexo do caráter de Deus?

Capítulo 27

Deus revelado nos outros

Vimos no capítulo 25 os muitos contrastes e opostos na natureza, que nos ajudam a compreender o caráter de Deus.

Considere outro contraste naquilo que Deus criou: homens e mulheres, meninos e meninas, masculino e feminino. Os homens geralmente são associados a características “masculinas”, enquanto as mulheres geralmente são associadas a características “femininas”. Sem que tanto homens quanto mulheres tivessem sido criados, provavelmente teríamos pouca compreensão dessas diferenças e dos pontos fortes relativos de cada um. Considere o enorme impacto que nossa sexualidade tem sobre nossa vida. Acho que Deus deve ter tido uma boa razão para nos fazer assim. Acho que isso diz algo sobre o caráter de Deus.

Agora, discutir as diferenças entre homens e mulheres é um pouco como atravessar um campo com minas enterradas. Por mais suavemente que você tente caminhar, existe a possibilidade de uma mina explodir e mutilar você. Portanto, geralmente é melhor não seguir nessa direção. Então, pelo menos por enquanto, vamos falar apenas em termos gerais.

Quais você considera serem algumas das diferenças entre homens e mulheres? Quais são as melhores características e os pontos fortes de cada gênero? Será que, de algumas maneiras, Deus tem as melhores características de cada gênero, sem as fraquezas e falhas de cada gênero? Gosto de pensar que sim. Acho que isso é em parte a razão pela qual Deus fez homem e mulher, para que pudéssemos compreender melhor seu próprio caráter, por meio da compreensão de nossas muitas diferenças.

Vamos levar isso um pouco mais adiante. Considere a grande variação que existe entre praticamente todas as pessoas na Terra. Somos todos muito diferentes uns dos outros de muitas maneiras. Pense em algumas pessoas que você respeita ou admira. Por que você as respeita ou admira? Será que as características que você respeita e admira também são

características de Deus? Acho que provavelmente é esse o caso. Vamos resumir essa ideia desta maneira:

De muitas maneiras, o caráter de Deus é revelado pelas melhores coisas que observamos em outras pessoas.

Para esclarecer melhor isso, considere alguns traços de caráter opostos que são observáveis em diversas pessoas. Quais das seguintes características você acha que melhor descrevem Deus?

Corajoso / Covarde

Egoísta / Generoso

Forte / Fraco

Incompetente / Habilidoso

Justo / Injusto

Atencioso / Indiferente

Belo / Feio

Instável / Firme como uma rocha

Confiável / Não confiável

Ferino / Consolador

Prestativo / Destrutivo

Sim, podemos aprender muito sobre Deus observando o que há de melhor nos outros.

Para reflexão adicional:

- Quais são alguns outros traços de caráter que você valoriza nos outros? É provável que esses mesmos traços façam parte do caráter de Deus?

Capítulo 28

Deus revelado nos relacionamentos

Você já ansiou por relacionamentos mais profundos? Quando eu era jovem, sentia-me magoado por muitos relacionamentos e, às vezes, sonhava em me tornar um eremita para me afastar das pessoas e dos relacionamentos ruins. Mas não era isso que eu realmente queria. O que eu realmente queria e precisava eram bons relacionamentos com outras pessoas. Desejo ser conhecido, aceito e amado pelos outros. De onde vem esse desejo? Concluo novamente que isso faz parte da natureza de Deus refletida em nós:

Deus valoriza relacionamentos profundos.

Até mesmo as formas mais simples de vida requerem algum tipo de relação física para que a reprodução aconteça. Ao considerarmos formas de vida mais complexas, os relacionamentos entre indivíduos desempenham um papel cada vez mais importante. Quanto mais elevada a forma de vida, mais importantes os relacionamentos parecem ser.

Considere a forma mais elevada de vida natural de que temos conhecimento: as pessoas. Parece óbvio que os relacionamentos são uma parte imensamente importante de nossas vidas. Isso me leva a crer que, para Deus (possivelmente a forma mais elevada de vida), os relacionamentos são muito importantes. Deus se interessa por relacionamentos; relacionamentos profundos. Ele não está, como alguns levantaram a hipótese, distante e desinteressado. Pelo contrário, parte de seu propósito na criação parece girar inteiramente em torno de relacionamento. Concluo que:

Deus quer relacionamento conosco!

Vamos considerar alguns tipos específicos de relacionamentos. Primeiro, vejamos os pais e suas crianças. Por que Deus nos fez tão completamente indefesos no momento do nosso nascimento? Por que Deus nos fez tão dependentes de nossos pais por tantos anos? Vejo nisso que Deus deve valorizar

relacionamentos próximos e interdependentes. Deus não pretende que vivamos sozinhos e independentes dos outros. Além disso, parece razoável que os relacionamentos entre pais e crianças tenham algumas semelhanças com o relacionamento que Deus quer ter conosco (com Deus sendo nosso provedor e cuidador, e nós como suas crianças).

Considere o amor e a devoção dos pais por suas crianças. De onde isso vem? Mais uma vez, parece que sua fonte está no modo como Deus nos fez. Talvez Deus tenha nos dado o amor que naturalmente temos por nossas crianças para que pudéssemos compreender melhor o amor dele por nós.

Considere outro relacionamento humano importante: o amor romântico entre um homem e uma mulher. De onde vem o amor romântico? Por que desejamos um relacionamento romântico e fisicamente íntimo? Mais uma vez, isso parece fazer parte de como Deus nos criou. Por que Deus nos criou assim? Aparentemente porque relacionamentos íntimos profundos são muito importantes para Deus.

Com base nesta discussão, concluo que:

O amor que Deus tem pelas pessoas é como o amor de um pai ou de uma mãe por um filho, e é apaixonado como o amor romântico.

Para reflexão adicional:

- Há outros aspectos dos relacionamentos humanos que você acha que revelam algo sobre Deus?

Capítulo 29

Deus revelado por meio dos outros

Vimos que Deus valoriza relacionamentos profundos. Como Deus parece estar inteiramente voltado ao relacionamento, é de se esperar que pessoas ao longo dos séculos tenham experimentado um relacionamento com Deus. Concluo:

Devemos aprender com outras pessoas que experimentaram Deus.

Isso levanta uma questão importante: como discernimos se alguém teve um encontro genuíno com Deus, ou apenas algum tipo de engano ou mal-entendido? Aqui estão algumas diretrizes que considero úteis:

- **Busque coerência entre muitas pessoas diferentes.** A verdade sobre Deus não deve depender do testemunho de uma única pessoa. Todos os que realmente vivenciam o único Deus verdadeiro devem ter experiências e compartilhar verdades semelhantes, não contraditórias.
- **Considere o histórico das pessoas.** Há algo na vida delas que faça você pensar que elas compreendem as verdades espirituais melhor do que outras?
- **Procure pessoas que promovam verdades espirituais que não mudam com o tempo.** A ciência nos mostra que a criação opera sob leis da física imutáveis. As mesmas leis da física e da química que estavam em operação muito tempo atrás continuam em operação hoje. Elas não mudaram. A partir disso, devemos esperar que os princípios espirituais também sejam imutáveis. As experiências das pessoas com Deus e o reino espiritual devem ser consistentes ao longo do tempo. Perspectivas espirituais que mudam suas crenças com a mudança dos tempos provavelmente não estão em sintonia estreita com a verdade espiritual imutável.
- **Procure pessoas com verdades espirituais que estejam de acordo com a verdade autoevidente.** O testemunho de pessoas com encontros genuínos com o Deus

genuíno não deve contradizer aquilo que é conhecido por meio da criação.

- **Não confie em fontes conhecidas por conter falso ensinamento.** Percebo que todas as religiões têm pelo menos algumas crenças que são, em sua maioria, verdadeiras. O simples fato de algumas coisas sobre uma perspectiva espiritual serem verdadeiras não torna todos os seus ensinamentos verdadeiros. São as crenças que não são verdadeiras que mostram que uma perspectiva espiritual é falsa, não as crenças que são verdadeiras. Se uma perspectiva espiritual promove algumas coisas que são claramente falsas, então não espere que essa perspectiva o conduza à verdade última.
- **Não confie em pessoas associadas a falsas profecias.** Se uma pessoa ou um grupo religioso fez previsões sobre acontecimentos futuros, aquilo que foi profetizado realmente aconteceu? Este teste não é prático com profecias que ainda envolvem o futuro, pois aquilo que foi previsto ainda não é verificável. No entanto, esse teste pode ser usado de modo eficaz para evitar com segurança muitas pessoas e grupos cujas profecias claramente não se cumpriram.

Observe, porém, que o fato de uma profecia ser precisa não prova necessariamente a validade de um profeta ou grupo religioso, pois qualquer pessoa poderia estar certa com um ou mais palpites de sorte. Falando logicamente, basta uma única previsão falsa para provar que um profeta é falso. Mas são necessárias muitas previsões precisas e consistentes para estabelecer que um profeta é genuíno.

Claramente, outros vivenciaram Deus antes de nós. Vamos procurar aprender com as experiências deles.

Para reflexão adicional:

- Quem são algumas pessoas com quem você poderia aprender algo sobre Deus?

Capítulo 30

Deus revelado por meio da Escritura

No capítulo anterior, vimos que podemos aprender sobre Deus por meio de outras pessoas que vivenciaram Deus. Neste capítulo, exploramos uma fatia mais estreita dessa mesma ideia: algumas pessoas vivenciaram Deus de modo tão direto que aquilo que escreveram é considerado por muitos como “escritura”.

Embora algumas religiões sejam transmitidas em grande parte oralmente (de boca em boca, não por escrito) e pela tradição local, esse geralmente não é o caso das religiões que são amplamente difundidas. O texto escrito costuma ser um fator-chave para comunicar amplamente crenças religiosas.

Chamar um texto escrito de “escritura” é simplesmente elevá-lo acima de outros escritos e, muitas vezes, acreditar que ele é, de algum modo, divinamente inspirado. A maioria das religiões tem textos escritos que são considerados fundamentais para suas crenças. Textos escritos permitem que as crenças religiosas transcendam o tempo e o lugar.

Surge uma pergunta óbvia: Como determinamos se um escrito religioso é verdadeiro ou não, e se deve ou não ser visto como “escritura”? Os princípios discutidos no capítulo anterior podem ser facilmente adaptados:

- **Procure consistência em múltiplas fontes ou em diferentes autores.** Mais uma vez, a verdade sobre Deus não deve depender do testemunho de uma única pessoa.
- **Considere a credibilidade dos autores.** A vida deles lhe dá motivo para confiar neles? Há motivo para pensar que eles encontraram Deus de forma mais profunda do que outras pessoas?
- **Procure escritos com verdades espirituais que não mudem com o tempo.**
- **Procure escritos com verdades espirituais que estejam de acordo com a verdade autoevidente.**

- **Não confie em escritos religiosos reconhecidos por conter falso ensinamento.** Mais uma vez, todas as religiões têm pelo menos algumas crenças que são em sua maioria verdadeiras. No entanto, se um escrito religioso é verdadeiramente divinamente inspirado, ele não deve incluir nenhum ensinamento que seja falso.
- **Não confie em escritos associados a falsas profecias.** A inclusão de falsas profecias em um escrito religioso é uma indicação óbvia de que ele não deve ser considerado “Escritura,” e de que seu autor não está recebendo inspiração de Deus.
- **Múltiplas profecias cumpridas são evidência de inspiração divina.** No entanto, às vezes é difícil saber de fato a validade de tais afirmações, portanto tenha cautela.

É claro que a maioria dos grupos religiosos se apressa em afirmar que suas “escrituras” são a única — ou a melhor — fonte da verdade. Você deve decidir por si mesmo quais escritos religiosos, se houver algum, aceitará como escritura, e não simplesmente aceitar as crenças daqueles ao seu redor sem reflexão séria.

Quanto a mim, descobri que os escritos incluídos na Bíblia satisfazem os critérios acima de uma maneira que nenhum outro escrito religioso satisfaz. Para mim, a Bíblia é “escritura”.

É claro que, já que considero a Bíblia como escritura, penso que seria uma coisa boa que você também considerasse a Bíblia como escritura. No entanto, essa é uma decisão que você deve tomar por si mesmo, com base em sua própria observação e raciocínio. Se você quiser uma visão geral dos principais ensinamentos da Bíblia, recomendo que leia o livro “Fundamentos para a Vida Eterna”, do mesmo autor deste livro (uma versão gratuita em ebook pode estar disponível em ShalomKoinonia.org). Ou, se preferir, simplesmente obtenha uma boa tradução da Bíblia e leia-a por si mesmo.

Para reflexão adicional:

- Quais escritos religiosos, se houver algum, você considera ser “escritura”? Por que você os considera escritura?

Capítulo 31

Deus revelado por meio de Jesus?

Vimos que Deus valoriza muito os relacionamentos. Concluí que Deus deseja um relacionamento profundo com cada um de nós. Mas como Deus poderia estabelecer um relacionamento conosco quando o abismo entre sua grandeza e nossa relativa humildade é tão enorme? Será que Deus poderia, de algum modo, revelar-se a nós por meio de uma pessoa com quem pudéssemos nos relacionar melhor?

Se Deus de fato se revelasse a nós mais diretamente por meio de uma pessoa, como seria essa pessoa? Ele (ou ela) viria como um rei todo-poderoso? Se não, como você imagina que ele viria? Ele desceria do céu, ou simplesmente apareceria magicamente, ou viria ao mundo de modo mais discreto? Ele apoiaria nossos líderes humanos, nossas instituições religiosas e nossas instituições políticas? Será que ele teria algumas palavras duras para algumas pessoas, ou apenas palavras bondosas para todos? O que ele poderia dizer a você?

Provavelmente não é surpresa para você que os autores do Novo Testamento (a parte mais nova da Bíblia) afirmem que tal pessoa de fato veio até nós; seu nome é Jesus. Jesus realmente veio de um reino espiritual para revelar Deus a nós? Ou Jesus era meramente humano? Muitas pessoas ao longo da história afirmaram ter uma divindade especial, mas a maioria estava obviamente iludida ou usava tal afirmação para obter poder. Jesus parece ser a única pessoa na história cuja vida e ensinamentos são de fato coerentes com tal afirmação. Se tal afirmação é verdadeira, então parece óbvio que cada um de nós deve aprender sobre Jesus e sobre o que ele ensinou. Mas como podemos determinar se tal afirmação é verdadeira?

Se você tem interesse em buscar a verdade sobre Jesus, considere fazer o seguinte:

- **Seja um buscador da verdade.** Não fique apenas esperando que a verdade venha até você. Busque-a por si mesmo. Abrace a verdade quando a encontrar.

- **Passe tempo buscando a verdade.** Converse com pessoas que atualmente seguem Jesus (e com aquelas que o rejeitam, se quiser). Leia o que seus primeiros seguidores escreveram sobre ele na seção “Novo Testamento” da Bíblia.
- **Peça ajuda a Deus.** Um capítulo anterior concluiu que Deus quer ter um relacionamento conosco; portanto, peça a ele que ajude você a aprender a verdade sobre Jesus.

Parece-me que existem apenas cinco conclusões gerais possíveis a respeito de Jesus:

1. Jesus não existiu de verdade. Todos os escritos históricos sobre ele não têm nenhuma base nos fatos.
2. Jesus foi uma pessoa real, talvez uma pessoa boa, mas apenas um ser humano. Muito do que foi escrito sobre ele por seus seguidores não é verdade.
3. Jesus foi uma pessoa real, que enganou as pessoas de propósito, levando-as a pensar que ele era algo mais do que realmente era. As pessoas que escreveram sobre ele foram enganadas.
4. Jesus e seus seguidores eram todos loucos iludidos.
5. Jesus realmente veio de um reino espiritual para nos revelar Deus.

Quanto a mim, concluí que somente a última opção é consistente com as evidências históricas e com as verdades autoevidentes que vejo na criação. Concluo que Jesus realmente veio de um reino espiritual para nos revelar Deus.

Para reflexão adicional:

- Quais são suas crenças sobre quem Jesus é? Em que se baseiam suas crenças sobre Jesus?
- Leia sobre a vida de Jesus na Bíblia, nos livros de Mateus, Marcos, Lucas ou João.

Conclusão

Obrigado por se juntar a mim nesta jornada de exploração da verdade autoevidente. Começamos fazendo a pergunta: O que é a verdade? Embora não tenhamos chegado a uma resposta definitiva para essa pergunta, espero que você possa concordar comigo que a verdade existe e que ela é importante. Espero que agora você tenha uma compreensão um pouco melhor do assunto do que quando começou este livro.

Se você concordou com algumas das minhas conclusões ao longo deste livro, talvez tenha interesse em explorar o que a Bíblia tem a dizer sobre a verdade espiritual. Se esse for o caso, convido você a ler um livro complementar chamado “Fundamentos para a Vida Eterna.” Nesse livro, tentei resumir os pontos principais da escritura de uma forma concisa e fácil de entender, com muitas referências à escritura para mostrar de onde vêm essas verdades. Tenho procurado evitar promover crenças que não estejam claramente na Bíblia. Uma versão gratuita em e-book pode estar disponível em qualquer um dos seguintes sites:

ShalomKoinonia.org

FoundationsForEternalLife.com

Uma versão impressa também pode estar disponível onde quer que livros sejam vendidos (por encomenda especial, se normalmente não estiver disponível em estoque).

Que Deus o abençoe enquanto você busca conhecê-lo e segui-lo.
